



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

JÚLIA NAYARA DE SOUSA ARAÚJO

**OS CONTOS DE FADAS COMO RECURSOS METODOLÓGICOS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: Olhares dos docentes do CMEI ABC, distrito
de Moraes Almeida, Itaituba-PA**

ITAITUBA – PA

2020

JÚLIA NAYARA DE SOUSA ARAÚJO

**OS CONTOS DE FADAS COMO RECURSOS METODOLÓGICOS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: Olhares dos docentes do CMEI ABC, distrito
de Moraes Almeida, Itaituba-PA**

Monografia de Graduação apresentada ao Curso de
Pedagogia da Faculdade de Itaituba, para obtenção do
título de Licenciada Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Ma.

ITAITUBA – PA

2020

ARAÚJO, Julia Nayara de Sousa.

OS CONTOS DE FADAS COMO RECURSOS METODOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Olhares dos docentes do CMEI ABC, distrito de Moraes Almeida, Itaituba-PA / Julia Nayara de Sousa Araújo. Itaituba-PA: CLPP da FAI, 2020.

77 Fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Pedagogia, Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR-PA, 2020.

Orientadora: Prof^a Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Ma.

1. Literatura Infantil. 2. Contos de Fadas. I. RIBEIRO, Elina. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR-PA, 2020.

JÚLIA NAYARA DE SOUSA ARAÚJO

**OS CONTOS DE FADAS COMO RECURSOS METODOLÓGICOS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: Olhares dos docentes do CMEI ABC, distrito
de Moraes Almeida, Itaituba-PA**

Monografia de Graduação apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba, para obtenção do título de Licenciada Plena em Pedagogia, sob a orientação da Profª Mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____ Nota: _____
Profª Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Ma.

Avaliador: _____ Nota: _____
Prof. Francisco Cláudio de Sousa Silva, Dr.

Avaliador: _____ Nota: _____
Profª Antônia Vanda dos Santos Leite, Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba-PA, 08 de fevereiro de 2020.

Dedico este trabalho a minha família, por sua capacidade de acreditar em mim, e me fazer ir além. Ao Marcos, por ser a pessoa com quem amo compartilhar a vida. E também, a minha orientadora Mestra Elina, por sua enorme paciência e toda a ajuda para desenvolver e concluir este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, que iluminou o meu caminho durante essa caminhada, pela força e coragem, sendo meu guia.

Ao meu Pai, **Itamar**, por me mostrar que a vida não é fácil e sempre existirá barreiras. A minha mãe, **Edna Maria**, por ser guerreira, mulher lutadora e de enorme fé. Ao meu irmão, **Filipe**, por também estar na luta para conquistar seus objetivos. Ao meu amor, **Marcos Alex**, agradeço pela paciência, incentivo e força.

A minha Professora e orientadora Mestra **Elina Renilde de Oliveira Ribeiro**, pela aceitação na orientação do referido trabalho.

Aos professores da Faculdade de Itaituba, em especial, ao Profº Dr. **Francisco Cláudio de Sousa Silva**, coordenador e professor do Curso de Pedagogia, pelo empenho e dedicação para com todos os acadêmicos.

A todos os que contribuíram para esta pesquisa, professores do Centro Municipal de Educação Infantil ABC, distrito de Moraes Almeida, Itaituba-PA.

É exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é patê intrínseca da existência humana, mas que se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e ao fim emergirá vitoriosa (BETTELHEIM, 2002, p. 06).

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), objetivou a análise de como os Contos de Fadas podem ser usados como recursos metodológicos na Educação Infantil, assim como demonstrar os desafios que se apresentam na utilização da Literatura Infantil no cotidiano dos Centros de Educação Infantil. Evidencia-se no contexto escolar que muitos docentes utilizam os contos de fadas apenas para momentos de lazer ou distração, esquecendo da importância da Literatura para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança. Como procedimento metodológico, realizou-se uma pesquisa bibliográfica com autores que tratam do tema e uma pesquisa de campo que ouviu diversos docentes do Centro Municipal de Educação Infantil ABC, com o objetivo de identificar as práticas dos professores que buscam educar com a influência da Literatura Infantil no cotidiano escolar. Os resultados demonstram que os Contos de Fadas, tem grande utilidade para a formação e desenvolvimento das crianças no que se refere a torná-los seres pensantes e críticos. A Literatura contribui de forma enriquecedora para o aprendizado das crianças, visto que a mesma resolve dilemas morais através dos contos, além do grande incentivo para a aprendizagem e formação de um futuro leitor e escritor. Demonstrou ainda que, a partir do contato com a literatura a criança se desenvolve significativamente.

Palavras-Chaves: Educação Infantil. Literatura Infantil. Contos de Fadas. Formação do aluno.

ABSTRACT

This Course Completion Work (TCC), aimed at analyzing how Fairy Tales can be used as methodological resources in Early Childhood Education, as well as demonstrating the challenges that arise in the use of Children's Literature in the daily lives of Early Childhood Education Centers. It is evident in the school context that many teachers use fairy tales only for moments of leisure or distraction, forgetting the importance of Literature for the child's cognitive, social and emotional development. As a methodological procedure, a bibliographic research was carried out with authors who deal with the theme and a field research that heard several teachers from the Municipal Center for Early Childhood Education ABC, in order to identify the practices of teachers who seek to educate with the influence of Literature Children in school life. The results demonstrate that the Fairy Tales, has great use for the formation and development of the children with regard to making them thinking and critical beings. Contribute in an enriching way to children's learning, since it solves moral dilemmas through stories, in addition to the great incentive for learning and training a future reader and writer. It also demonstrated that, from contact with literature, the child develops significantly.

Keywords: Early Childhood Education. Children's literature. Fairy tale. Student training.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Perfil dos entrevistados.....	56
Quadro 2. Importância da Literatura.....	58
Quadro 3. Contribuição dos contos de fadas na formação da criança.....	59
Quadro 4. Contos de fadas presentes no planejamento pedagógico.....	60
Quadro 5. Contos de Fadas utilizados em sala de aula e seu objetivo.....	64

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Tempo reservado para leitura dos contos de fadas com a turma.....	62
Gráfico 2. Desafios apresentados à escola na tentativa de valorizar a literatura infantil.....	63

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Comum Curricular
CF	Constituição Federal
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EI	Educação Infantil
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
INL	Instituto Nacional do Livro
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PPP	Projeto Político Pedagógico
RCNEI	Referencial Curricular Nacional Para a educação Infantil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	13
1.1 EDUCAÇÃO INFANTIL NA LEGISLAÇÃO.....	13
1.2 A LITERATURA INFANTIL NA SOCIEDADE.....	19
1.3 A LITERATURA NO CONTEXTO FAMILIAR.....	26
2 POSSIBILIDADES E DESAFIOS DO CONTO DE FADAS NA ESCOLA.....	34
2.1 CONTO DE FADAS COMO ALTERNATIVA DIDÁTICA.....	34
2.2 LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS.....	39
2.3 A ESCOLHA DAS LITERATURAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	46
3 OS CONTOS DE FADAS COMO RECURSOS METODOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OLHARES DOS DOCENTES DO CMEI ABC, DISTRITO DE MORAES ALMEIDA, ITAITUBA-PA.....	55
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	55
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	56
3.3 OLHARES DOS DOCENTES.....	57
3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS.....	69
APÊNDICES.....	72

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, traz o título “Os Contos de Fadas como recursos metodológicos na educação infantil: Olhares dos docentes do CMEI ABC, distrito de Moraes Almeida, Itaituba-PA”, que procurou demonstrar a importância da Literatura Infantil como estratégia metodológica contribuidora do desenvolvimento infantil, assim como as práticas de letramento que podem ser ampliadas por meio do uso dos contos de Fadas promovendo o desenvolvimento cognitivo da criança. Desse modo, este estudo objetivou a análise de como os Contos de Fadas podem ser usados como recursos metodológicos na Educação Infantil, a partir da concepção dos professores. Assim como demonstrar os desafios que se apresentam na utilização da Literatura Infantil no cotidiano escolar.

As questões que conduziram este trabalho, constituem-se em: Os professores contemplam o uso da literatura infantil no planejamento pedagógico? Quais os desafios enfrentados pelos docentes na utilização da literatura infantil (Contos de Fadas) como recurso metodológico? Os contos de fadas contribuem na formação de valores para as crianças na educação infantil?

O processo metodológico utilizado para a construção desse trabalho conduz os princípios e técnicas da abordagem qualitativa, manuseando o levantamento bibliográfico e seguidamente a pesquisa de campo que foi executada em um centro infantil do distrito de Moraes Almeida, Itaituba/PA. O presente estudo fora baseado em alguns autores que abordam o tema da literatura infantil e os contos de fadas, como: Coelho (2000, 2010), Brasil (1998), Frantz (2011), Bettelheim (2002), Cavalcanti (2009), Souza (2016), Traça (1998), Cademartori (2007), dentre outros.

O referido trabalho foi estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo faz uma abordagem acerca da literatura na educação infantil, assim como como a legislação normatiza esse nível de ensino. Aborda ainda a literatura infantil na sociedade e no contexto familiar. O segundo capítulo fala das possibilidades e desafios no uso dos contos de fadas na escola, se subdivide em: contos de fadas como alternativa didática, literatura infantil na formação das crianças e a escolha das literaturas na educação infantil.

Por fim, o terceiro capítulo traz o resultado da pesquisa, com os procedimentos metodológicos, a caracterização da escola, olhares dos docentes e a proposta de intervenção.

1 LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

1.1 EDUCAÇÃO INFANTIL NA LEGISLAÇÃO

Partindo de uma visão histórica, a educação da criança encontrava-se sob a responsabilidade exclusiva da família durante séculos, pois era no convívio com os adultos e outras crianças que elas seriam incluídas nas tradições e aprendiam as normas e regras da cultura. Na sociedade mais atual, por assim dizer, a criança tem a chance de frequentar um ambiente de socialização, convivendo e aprendendo sobre sua cultura em meios as distintas interações com seus iguais.

A forma como eram tratadas as crianças na idade média, foi baseada em alguns costumes herdados da Antiguidade. A criança praticamente não tinha status perante a sociedade, então, a Educação Infantil nem sempre teve um lugar privilegiado no desenvolvimento da criança. Assim foi surgindo como uma instituição com o objetivo de suprir as necessidades da criança que, querendo ou não, substitui muitas vezes o lugar da família.

Durante o período colonial, eram realizados casamentos para atender os interesses econômicos e conveniências sociais. O que era para ser a figura patriarcal, era o centro da dinâmica familiar, onde o “pai” tinha todos os direitos sobre a esposa, filhos e escravos, podendo também, os castigar fisicamente.

Como faziam o que queriam, os senhores usavam as escravas como objetos sexuais fazendo com que essas práticas gerassem um alto índice de abandono de criança que não eram desejadas ou planejadas. Fazendo com que o padre da época criasse no Rio de Janeiro, a Roda dos Expostos. A Roda se resumia em um mecanismo onde depositavam as crianças, descrita como um cilindro oco, de madeira, com pequena abertura, que girava por causa de um eixo horizontal. E a criança era posta pela abertura do lado externo da instituição, o que determinava o depósito anônimo da criança. Um mecanismo que antes era usado para receber cartas e doação de alimentos passou a ser utilizado para receber as crianças rejeitadas (KISHIMOTO, 1988).

Segundo Kishimoto (1988), enquanto o padre Oberlim já esboçava preocupações acerca da educação e melhorias para as crianças cujo seus pais trabalhavam, no Brasil, as creches tinham o aspecto bem próximo a asilos infantis, pois buscavam minimizar os problemas miseráveis que eram vividos pelas mulheres

e crianças, além do atendimento de suma importância às crianças órfãs e abandonadas.

Diferenciando-se de países industrializados, o Brasil dá início à organização das primeiras creches no começo deste século (século XX), com uma clientela composta basicamente de filhos de indigentes e órfãos. Em São Paulo, as creches atendem principalmente o contingente de mulheres e crianças na extrema miséria, que aumentam os núcleos urbanos, fruto do deslocamento de populações pobres, em busca de melhores condições de vida (KISHIMOTO, 1988, p. 24).

No período conhecido como Estado Novo (1937-1945), no governo de Getúlio Vargas, o estado assumiu de forma oficial, as responsabilidades que englobam o atendimento infantil, sendo criado o Ministério da Educação e Saúde. E mesmo assim, o auxílio era limitado, restrito, tendo vagas limitadas. De toda maneira, a ajuda que o estado oferecia era vinda de convênios com entidades filantrópicas e particulares. E já que a situação era assim, e existia falta de clareza relacionada às metas e ausência de definição para com o atendimento à infância, os cuidados tinham constante incerteza, ocasionando a exposição evidente dos problemas vivenciados pelas famílias de classes economicamente desfavorecidas.

Enquanto a necessidade de instituições que pudessem atender os filhos dos trabalhadores crescia, as reivindicações também cresciam. Iniciou-se o movimento de luta por creches, criado por parte da comunidade que necessitava de tal serviço. As creches acabaram sendo um produto da revolução industrial, que surgiu no Brasil em função da crescente urbanização e estruturação do capitalismo e a necessidade da mulher em ocupar o mercado de trabalho. Isto gerou uma enorme movimentação entre os operários por conta da reivindicação de um lugar para deixarem seus filhos, porquanto as crianças ficavam muito tempo sem os cuidados necessários. Então, as creches preenchiam esta necessidade para a classe trabalhadora, firmando assim que o cuidar era a atividade principal dessas instituições.

O reconhecimento da infância era diferente do que é hoje, não sendo certo fazer comparações de como é agora para o que já passou, pois hoje, se tem cuidado com a criança, existindo maior preocupação com a mesma, e antes, a criança era vista como um adulto em miniatura, tendo seus cuidados e educação na responsabilidade da mãe, mas, não sendo vistos como um ser frágil, diferente dos adultos apenas no tamanho e na força, preparando-a para enfrentar a vida adulta.

Segundo Dewey (1959 *apud* FORMOSINHO; KISHIMOTO; PINAZZA, 2007, p. 42):

O reconhecimento, por parte de Froebel, da importância das aptidões inatas das crianças, sua carinhosa atenção para com elas e seu influxo para induzir os outros a estudá-las representam talvez a contribuição individual mais eficaz, na moderna teoria educacional, para o reconhecimento amplo da ideia do desenvolvimento.

O nome “jardim”, do jardim de infância, vem da crença de que as crianças devem ser nutridas e cuidadas como plantas em um jardim, para desde pequenos, já absorverem diversos conceitos. Com isso, o pedagogo alemão Friedrich Froebel (1782-1852), foi quem concebeu o primeiro sistema de ensino para crianças de faixa etária abaixo dos 7 anos, pois naquela época, consideravam as outras crianças pequenas demais para ter frequência na escola. Acreditando que, ensinando de formas criativas desde sua primeira fase de vida, conseguem absorção em diversas identidades.

Froebel, filho do pastor luterano Johann Jakob Froebel e Jakobine Eleanore Hoffman, nascido no dia 21 de abril de 1782, na vila de Oberweissbach, tinha o objetivo de ensinar a criança de formas criativas, usando suas péssimas lembranças escolares, o pedagogo alemão desenvolveu o Frobeltgaben, que se resume em um instrumento composto de formas geométricas, ou seja, um brinquedo educativo que poderia desenvolver ou despertar os dons das crianças. Usado ainda como um duplo sentido, pois além de ser um presente para dar às crianças, é uma forma de os adultos perceberem os dons infantis (COELHO, 2010).

Poderia ser adotada duas regras para o uso dos brinquedos de Froebel, a primeira era que, todas as peças deveriam ser incluídas, e que toda criação deveria resultar em transformações, inovações, e não, em destruição ou reconstruções. Os brinquedos eram constituídos de: Novelos, esfera cilindro e cubo (feitos de madeira), cubo dividido, prismas retangulares, cubos e prismas triangulares e os blocos de construção, sendo assim divididos, para cada um atingir certa faixa etária e objetivo de manuseio.

Na década de 1980 se deu um avanço em relação à Educação Infantil (EI), sendo realizado pesquisas e estudos objetivando a discussão acerca da função da creche/pré-escola, os quais concluíram que, independente da classe social, a

educação da criança tem extrema importância e que todas deveriam ter acesso a ela.

Em 1988, a Constituição define creche/pré-escola como direito da família e dever do Estado em ofertar esse serviço. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), após dois anos (1990), reafirma os direitos constitucionais em relação à Educação Infantil. Em 1994, o Ministério da Educação (MEC) publicou um documento intitulado “Política Nacional de Educação Infantil”, que estabeleceu metas como a expansão de vagas e políticas de melhoria da qualidade no atendimento às crianças, incluindo a necessidade de qualificação dos profissionais, que resultou no documento por uma política de formação do profissional de Educação Infantil.

Com a promulgação da Emenda Constitucional (1996), que cria a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), foi estabelecido no artigo 62 a necessidade de formação para o profissional da Educação Infantil. De acordo com a lei, a formação do educador desse segmento deve ser “em nível superior, admitindo-se, como formação mínima, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal” (BRASIL, 1996). O texto reafirma também, a responsabilidade constitucional dos municípios na oferta de Educação Infantil, contando com a assistência técnica e financeira da União e dos estados.

Nesse contexto, a Educação Infantil passou a ser a primeira etapa da Educação Básica, sendo integrada aos ensinos Fundamental e Médio. A partir de então, a EI ganhou uma extensão mais ampla dentro do sistema educacional e a criança foi vista como alguém capaz de criar e estabelecer relações, um ser socio histórico. Além do mais, pode ser vista também como produtor de cultura e inserido nela e que, no entanto, não precisava apenas de cuidado, mas estar preparada para o que for possível.

Com o objetivo de oferecer parâmetros para a manutenção e a criação de novas instituições de Educação Infantil, em 1998, o MEC publicou o documento Subsídios para credenciamento e o funcionamento das instituições de Educação Infantil. No mesmo ano, visando a elaboração de currículos de EI, cuja responsabilidade foi confiada pela LDB a cada instituição e seus professores, o MEC editou o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), como parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's).

Após um ano, em 1999, o Conselho Nacional de Educação (CNE) publicou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI). E em 2017, foi publicada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Educação Infantil. Documentos estes que, hoje, são os principais instrumentos para elaboração e avaliação das propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil do país.

Quando se tira da criança a possibilidade de conhecer este ou aquele aspecto da realidade, na verdade se está alienando-a da sua capacidade de construir seu conhecimento. Porque o ato de conhecer é tão vital como comer ou dormir, e eu não posso comer ou dormir por alguém. A escola em geral tem esta prática, a de que o conhecimento pode ser doado, impedindo a criança e, também, os professores o construam. Só assim a busca pelo conhecimento não é preparação para nada, e sim VIDA, aqui e agora. E é esta vida que precisa ser resgatada pela escola. Muito temos que caminhar para isso, mas é no hoje que vamos viabilizando esse sonho de amanhã (FREIRE, 2002, p.15).

Diante o questionamento do autor, nos dias atuais, ao pensar em educação infantil, não é admissível construir um conhecimento sem a ligação do cuidar e o educar, pois são eixos centrais que diferenciam e compõem o espaço e o ambiente escolar nesta etapa da educação. Deve-se levar em conta, acerca do cuidar e o educar, que um não é assistente do outro, para tentar criar assistencialismo ao processo de ensino-aprendizagem, quando na verdade, um complementa o outro e ambos precisam de integração para melhor atendimento ao desenvolvimento da criança na construção de sua totalidade e autonomia.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil advertem que cuidar e educar não podem ser dimensões separadas, e sim, duas faces de um conhecimento único, firmando o que foi citado anteriormente. Com a validação da BNCC, acontece o reforço do conceito de que as ações de cuidado estão fielmente ligadas com as ações de conhecer e explorar o mundo, criando uma área propícia para a sistematização dos conhecimentos, que acontecerá em etapas posteriores, como o ensino fundamental.

A educação infantil é um direito humano e social de todas as crianças até cinco anos de idade, sem distinção de origem geográfica, sexo, nacionalidade, etnia, de deficiência, nível socioeconômico ou classe social ou por fenótipo (cor da pele, traços de rosto e cabelo). Ou seja, é um direito e não deve se levar em conta o trabalho dos pais, nível de educação, religião, opinião política ou orientação sexual.

Conforme a LDB nº 9.394/1996, em seu Art. 29, a educação infantil “tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL,1996). Nessa perspectiva, a EI como dever do Estado, acaba sendo ofertada em instituições próprias, em creches para crianças até três anos, e pré-escolas para crianças de quatro e cinco anos, com jornada diurna de tempo parcial ou integral, por meio de práticas pedagógicas cotidianas.

Práticas estas que precisam ser planejadas, sistematizadas e estudadas em um projeto político-pedagógico para uma elaboração de forma coletiva com a participação da comunidade escolar e desenvolvido por professores habilitados.

Pode-se falar de Educação Infantil em um sentido bastante amplo, envolvendo toda e qualquer forma de educação da criança na família, na comunidade, na sociedade e na cultura em que viva. Mas há outro significado, mais preciso e limitado, consagrado na Constituição Federal de 1988, que se refere à modalidade específica das instituições educacionais para a criança pequena, [...]. Essas instituições surgem durante a primeira metade do século XIX, em vários países do continente europeu, como parte de uma série de iniciativas reguladoras da vida social, que envolvem a crescente industrialização e urbanização (KUHLMANN Jr., 2003, p. 469).

Conforme o autor, a Educação Infantil deve ocorrer em espaços institucionais, coletivos, públicos ou privados, caracterizados como estabelecimentos educacionais e contidos a diversos mecanismos de acompanhamento e controle social.

Assim sendo, é importante ressaltar que a Base Nacional Comum Curricular determina na Educação Infantil seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento a todas as crianças brasileiras: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Sendo entendido ainda, que é na EI que se pode fazer a junção de todas as modalidades educativas vividas pelas crianças pequenas na família e na comunidade, antes mesmo de chegarem à idade da escolaridade obrigatória. Acabando por ser nesse período uma das mais difíceis fases do desenvolvimento humano, envolvendo diversos aspectos como o intelectual, social, motor e emocional (BRASIL, 2017).

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil orienta que se deve levar em consideração que as crianças são diferentes entre si, implica, então, “em propiciar uma educação baseada em condições de aprendizagem que respeitem suas necessidades e ritmos individuais, visando a ampliar e enriquecer as capacidades de cada criança” (BRASIL, 1998, p. 32). Entretanto, o grande desafio

da educação infantil e de seus profissionais é compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo. Com efeito, a instituição de educação infantil deve tornar acessível a todas as crianças que a frequentam, indiscriminadamente, elementos de cultura que possam facilitar o desenvolvimento e propiciar a inserção social da criança.

A criança não só precisa de cuidados e atrativos referentes ao seu aprendizado escolar, mas, também necessita de cuidados básicos relativos à saúde, os quais se concretizam por meio de uma alimentação saudável, hábitos de higiene, exercícios e atividades físicas, momentos de repouso, entre outras diversas situações que exigem do professor atenção especial em relação aos cuidados com a criança. Por outro lado, é indispensável que o profissional do ensino infantil desenvolva um trabalho educacional que favoreça e a guie pela descoberta e construção de sua identidade, apropriando-se de saberes necessários à constituição da autonomia.

Diante de tudo que é explícito sobre a Educação Infantil, conclui-se que, por meio deste nível de ensino, a criança pode desenvolver percepções da interdependência, da não violência, administração de conflitos. Além do mais, há possibilidade de descobrir o outro participando de projetos e sendo cooperativo. Tudo isso abre possibilidades para o futuro através da formação inicial e continuada dos professores, que oportuniza uma formação adequada para atuar perante à criança, fazendo a junção do período inicial de sua vida escolar aos primeiros anos do outro nível que é o ensino fundamental.

1.2 A LITERATURA INFANTIL NA SOCIEDADE

Originalmente, a literatura de todos os povos teve início na forma oral. Apesar de que a palavra literatura tenha sido aprimorada do latim “*littera*”, significando “letra”, a mesma surgiu nos primórdios dos tempos, quando o homem ainda não conhecia a escrita e viviam como nômades, dependentes das forças da natureza, as quais prestavam cultos religiosos. Assim, as lendas e canções eram passadas entre gerações pela oralidade.

Segundo Lajolo (2008), quando encontraram uma forma de expressão através da escrita, as paredes das cavernas começaram a ser preenchidas por desenhos e pinturas simbólicas, fazendo com que desse início ao registro da tradição que fora

passada de forma oral. Com o passar do tempo, foi surgindo novas formas para o armazenamento dessas informações, como as tabuletas, óstracos, papiros e pergaminhos, os quais puderam desenvolver as primeiras obras literárias conhecidas como registros escritos de composições procedentes da longínqua tradição oral.

Nesse contexto, a Literatura ainda ser conceituada como a arte de criar e compor textos, existindo diversos tipos de produções literárias, como poesia, prosa, literatura de ficção, literatura de romance, literatura médica, literatura técnica, literatura portuguesa, literatura popular, literatura de cordel e etc. Também pode ser entendida como um conjunto de textos escritos, sejam eles de uma personalidade, uma época, de um país etc. De fato, o conceito de literatura tem sido alterado com o passar dos tempos, baseados em alterações semânticas bastante relevantes. Para determinados povos latinos, a literatura tinha um conteúdo subjetivo, representando o conhecimento dos eruditos.

A história registra ainda que a Literatura não era considerada como objeto do conhecimento, não era algo digno para ser estudado. Os povos que tinham sua língua baseada na românica, inglesa e alemã não influenciava nos estudos, tendo mudança apenas na segunda metade do século XVIII, quando o termo passou a ser indicado como objeto de estudo, para a produção literária, como condição dos profissionais, e outros. Passando a apresentar diversos gêneros que agregou vários gostos direcionados a públicos diferentes (SILVA, 2007).

Ainda na segunda metade do século XVIII, Voltaire nomeou a Literatura como forma particular de informação que instiga valores estéticos e uma particular relação com as letras. Seguindo essa linha de pensamento, é encontrado Diderot e a sua definição de literatura como arte e como o conjunto das manifestações dessa arte, ou seja, os textos preenchidos de valores estéticos, “específico fenômeno estético, específica forma de produção, de expressão e de comunicação artísticas [...] e corpus de objetos – os textos literários – resultante daquela particular atividade de criação estética” (SILVA, 2007, p. 06).

Quando se fala em Literatura Infantil, é notório que teve início no século XVII, com o surgimento dos Contos de Fadas (*Conte de Fee*), criados pelo escritor francês Charles Perrault e suas versões de contos folclóricos contados pelos camponeses, serventes e governantas, para que elas se adequassem à audiência da corte do rei Luiz XIV (entre 1638 a 1715). Charles Perrault, nascido em Paris, no

mês de janeiro de 1628, ingressou no colégio de Beauvais, onde realizou e adquiriu um enorme e brilhante gosto pelo estudo da literatura. Após uma desavença com um professor, Perrault abandonou o colégio e seguiu seus estudos em casa, sem mestres, sentindo-se extasiado pelo fato de ter lido diversas obras e completas, coisas que no colégio, eram apenas fragmentos escolhidos pelos professores. Charles se tornou advogado, assim como seu irmão Jean, porém se dedicando inteiramente à leitura e composição de poemas (COELHO, 2010).

O caráter pedagógico das histórias infantis pode ser visto desde sua origem, assim como nos trabalhos do francês François Fénelon, contemporâneo de Perrault. Fénelon foi nomeado para o cargo de preceptor do duque adolescente de Borgonha, dando sua total dedicação ao trabalho de correção do comportamento do príncipe por meio de fábulas, que o mesmo ia escrevendo. Antes disso, a pedido da duquesa de Beauviller, escreveu *“De L'éducation des filles”* (“Da educação das meninas”), sua primeira obra de grande significado em sua carreira de escritor e educador. Livro esse que foi usado para orientar a duquesa na educação de suas filhas, alcançando grande sucesso e se tornando obra de referência para as famílias da época, assim como texto de reflexão para os estudantes de pedagogia (COELHO, 2010).

Os textos de Fénelon expressavam apenas valores de costume educacional, por isso, foram ajustados para atender à educação dos pequenos leitores. A percepção lúdica da leitura considerada tão importante para o desenvolvimento da criança não era presente nessas obras, e a literatura direcionada para o público infantil e adulto era exatamente a mesma. Dois universos diferentes, porém, que eram considerados tão iguais não tinha distinção pela faixa etária ou por etapas de maturação psicológica.

Assim, a transformação desse paradigma resultou em alterações importantes para o relacionamento criança-adulto, proporcionando bons resultados para o seu desenvolvimento emocional e afetivo. Neste período, houve a percepção de que a criança da classe popular não tinha acesso à escrita e a leitura propriamente dita, enquanto a criança pertencente às altas classes aproveitava os grandes clássicos da literatura daquela época.

Ao falar de leitura, no entanto, nem sempre estamos falando da mesma coisa. A palavra pode ter várias acepções. Quando se trata do professor como leitor, a palavra leitura não quer dizer capacidade de decifrar sinais gráficos, mas, sim, de doar sentido ao que se lê, de ser capaz de viver, numa leitura literária, uma experiência iniciática. [...] Nessa acepção, leitura

é algo capaz de provocar mudanças, para lá do mero entretenimento que, no entanto, é fundamental para atrair e animar o contato primeiro de iniciantes, como a criança com o livro (CADEMARTORI, 2007, p. 24).

Conforme a autora, mesmo que seja um espaço com encontro marcado pela ausência física, ausência dos interlocutores, ou escritor, a literatura possibilita que o leitor interaja em um jogo de trocas de experiência, no qual, tem como resultado final sua experiência particular. Entende-se, portanto que, a literatura cria diversos conflitos na imaginação, com seus duelos podendo abrir nossos olhos para diversos mundos, permitindo ver por outros olhos. Isto faz com que a literatura seja uma arte comprometida em dar significado à vida e ser beneficiadora de ótimas reflexões sobre as condições da vida humana, e o seu papel na sociedade.

A literatura não é o fato de uma linguagem se transformar em obra, nem o fato de uma obra ser fabricada com a linguagem; a literatura é um terceiro ponto, diferente da linguagem e da obra, exterior à linha reta entre a obra e a linguagem, que, por isso, desenha um espaço vazio, uma brancura essencial onde nasce a questão “O que é literatura?”, brancura essencial que, na verdade, é essa própria questão. Por isso, a questão não se superpõe à literatura, não se acrescenta a ela por obra de uma consciência crítica suplementar: ela é o próprio ser da literatura originariamente despedaçado e fraturado (FOUCAULT, 2005, p. 141).

Para o autor, a literatura não acaba com o conceito de que ela se constrói baseada apenas em um suporte material, sendo bem mais complexa de que ela é, fazendo uma ligação especial entre a obra e a linguagem e uma claridade essencial, na qual se ria um triângulo misterioso, para que se possa questionar o próprio conceito de literatura, sendo esta claridade no triângulo, que mais se aproxima do que chega às nossas mãos aos nossos olhos e inteligência dada pelo que é literatura.

Seguindo o caminho da Literatura Infantil, há o surgimento, no século XIX, de Hans Cristian Andersen, autor dinamarquês conhecido por demonstrar a ideia de que todos os homens deveriam ter direitos iguais, comprovando em seus textos exemplos de comportamento que deveriam ser adotados pela nova sociedade que se formava, e distinguindo, inclusive, confrontos entre “fortes” e “fracos”, “poderosos” e “desprotegidos”, “exploradores” e “explorados”.

Segundo Coelho (2010), Andersen lançou seis volumes de contos infantis, traduzidos para diversos idiomas entre 1835 e 1842. E continuou escrevendo seus contos infantis até 1872, podendo ser contada 168 histórias de sua autoria. No

início, escrevia contos baseados na tradição popular, principalmente pelo que ele ouvia durante a infância, mas, depois, escreveu histórias no mundo das fadas ou que traziam elementos da natureza. As obras que criam destaque em meio as suas produções são: O Patinho Feio, O Soldadinho de Chumbo, A Pequena Sereia, A Roupa Nova do Rei, A Pequena Vendedora de Fósforos, A Rainha da Neve, entre outros.

Ainda conforme Coelho (2010), nesse mesmo século, Luís Jacob e Guilherme Carlos Grimm trazem modificações para a literatura, seguindo o estilo do romantismo. Surgindo assim, uma literatura adequada para encantar o público infantil de todo o mundo, através de lendas e do folclore, usando a ingenuidade e personagens populares, como alfaiates, camponeses, entre outros, com a constante presença de personagens mágicos. Esses autores se dedicaram à criação de várias fábulas infantis, e em 1812, modificam a coleção de contos de fada. Dentre os contos modificados para literatura infantil, pode ser encontrado com facilidade os textos: A Gata Borralheira, Branca de Neve e João e Maria.

A coleção dos contos de fadas publicadas pelos irmãos Grimm foi um enorme sucesso, levando a ideia básica de que os contos expressavam simbolicamente as realizações e pensamentos filosóficos mais profundos. Sendo um ensinamento místico de algumas das verdades. É de suma importância dizer que se os contos de fada são tão verdadeiros, que simbolizam o trajeto pessoal de desenvolvimento, exibindo as ocasiões críticas de escolha que constantemente é enfrentado na sociedade, pois, em casos contrários, não despertaria quaisquer interesses nas crianças, onde buscam nos contos, algo além da diversão, buscam um aprendizado apropriado à sua segurança.

Como analisado acima, há uma relação entre a educação infantil e os contos de fada, fazendo com que a análise se inicie a partir de evolução histórica da educação infantil aos dias atuais, buscando avaliar sua ligação com os contos de fada. De fato, os contos de fada são ótimos contribuintes para a formação educativa da criança, despertando e entretendo a sua curiosidade e instigando um deslumbre no imaginário infantil, além de ser um acréscimo no desejo pela literatura infantil.

Diante dessas considerações, compreende-se que a literatura infantil, como qualquer linguagem, manifesta determinado conhecimento humano (COELHO, 2000). Cada período incluiu e produziu literatura ao seu jeito, alguns destacando mais o caráter pedagógico, outros o lúdico. Entretanto, não pode ser ignorada a

importância e reforço de um e outro para a Educação Infantil ao longo dos tempos, levando as crianças de ontem e de hoje a demonstrar seu senso crítico, que é despertado no caminho, encontrando uma aprendizagem mais lúdica e prazerosa.

Com base nesses pressupostos, é finalidade da Literatura

[...] estimular a consciência do leitor; leva-lo a desenvolver sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a Sociedade, onde ele deve atuar, quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso (COELHO, 2000, p. 151).

Isto é o que hoje define a atualidade de uma literatura, pois a mesma vem seguindo várias tendências nos últimos três séculos de produção. Cria variadas discussões como a quem pertenceria a literatura infantil, à arte literária ou à área pedagógica. O que faz surgir controvérsias acerca da finalidade da literatura destinada às crianças com opiniões radicalizadas a respeito destas dúvidas, sendo vista como instrução ou diversão.

Como já enfatizado anteriormente, a Literatura voltada para a infância foi criada precisamente com o objetivo principal de educar moralmente as crianças. Os contos de fadas, principalmente nas suas versões originais têm estrutura maniqueísta com a finalidade de demarcar de forma clara, o que é o bem e o mal. Desse modo, existe a necessidade do entendimento do leitor, na forma que se envolve com o conto de fadas e como deve ser utilizado este tipo de texto literário para a identificação de valores com as crianças.

Em termos de teoria e crítica literária, a literatura infantil ainda é, e talvez continue a ser sempre um campo aberto de significados e desafios teóricos. E para tanto, todas essas informações, definições e desafios têm em comum o fato de serem repreendidos, no início de qualquer preparação, que se possa criar confronto com as noções, demarcando a especificidade deste gênero literário particular.

A principal questão relativa à literatura infantil diz respeito ao adjetivo que determina o público a que se destina. A literatura, enquanto só substantivo, não predetermina seu público. Supõe-se que este seja formado por quem quer que esteja interessado. A literatura com adjetivo, ao contrário, pressupõe que sua linguagem, seus temas e pontos de vista objetivam um tipo de destinatário em particular, o que significa que já se sabe, a priori, o que interessa a esse público específico (CADEMARTORI, 2007, p. 08).

De acordo com o autor, quando se fala em literatura infantil, é como se já tivesse um público certo para esta modalidade, ou seja, seria totalmente voltada às crianças. E quando a literatura é pensada de forma substantiva, não tem um público pré-determinado, fazendo com que esteja aberto a qualquer pessoa, de qualquer idade. Já a literatura vista de forma adjetiva, visa que sua linguagem, pontos de vista e temas, tem um público em específico para atingir e satisfazer.

Definimos literatura infantil segundo nossos propósitos – o que, no fim das contas, é o princípio das definições: dividir o mundo segundo nossas necessidades. A literatura infantil, por inquietante que seja, pode ser definida de maneira correta como: livros lidos por; especialmente adequados para; ou especialmente satisfatórios para membros do grupo hoje definido como crianças (HUNT, 2010 *apud* SOUZA, 2016, p. 22).

Percebe-se então, a defesa da literatura infantil quando diz que ela se difere de outras literaturas por diversos níveis, iniciando por possuir um público diferente, de habilidades diferentes, onde fazem suas leituras de forma diferenciada, levando seus temas, estruturas, tratamentos e vozes também serem diferentes do habitual. Inclusive, a crítica, já que é feita pelas crianças, mostrando sua observação cercada do afeto, comprometimento e verdades universais, focando sempre a criança e suas particularidades na leitura e interação com o texto não o generalizando.

Souza (2006) afirma ainda que a literatura é o que se escolhe fazer dela. No caso dos livros infantis, podem ser produção literária voltada para educar e socializar, bagunçando seu caráter literário, porém, não se sabe ao certo se a criança lê como experiência literária ou funcional, pois qualquer texto pode receber uma leitura literária. Levando a crer que a infância, é um conceito instável, assim como o resultado da leitura feita pela criança pode ser definida, instavelmente.

No contexto brasileiro, Figueredo Pimentel e Carlos Jansen foram de enorme importância para a Literatura Infantil, contribuindo na modificação de narrativas infantis. Fizeram adaptações nas narrativas literárias já existentes de estilo europeu e distante da realidade de crianças brasileiras, se espelhando em culturas alheias. Mas, foi a partir da obra revolucionária de José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) que a literatura infantil brasileira desenvolveu corpo e definição nascendo com ele, uma literatura genuinamente brasileira. Relaciona seus textos com a realidade social do período e seus personagens atualizados, mesmo que seus textos geralmente fossem confundidos e tratados como literatura escolar (COELHO, 2010).

Cademartori (2007), sugere que as obra infantis de Monteiro Lobato antecipam uma realidade que supera os preconceitos históricos e ignora o moralismo tão presente nas obras destinadas à criança, na época, tais como a moral oficial, os preconceitos religiosos e as normas estatais.

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também a marca. A criança tem na família biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais (BRASIL, 1998, p. 21).

Como exposto acima, a criança, independente de seus laços familiares, biológicos ou não, tem contato com algum ponto referencial de extrema importância para o desenvolvimento social da mesma, pois assim como os demais seres humanos, as crianças também são sujeitos que fazem parte de uma cultura, de uma sociedade, onde pode marcar a criança, de forma positiva ou não.

Nessa perspectiva, Frantz (2011, p. 16) opina que, a Literatura Infantil é percebida também como “[...] ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajudar a encontrar respostas para inúmeras indagações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade de percepção das coisas”. Desse modo, é por meio da literatura infantil que a criança também tem acesso à sua herança cultural, de forma adequada para sua idade, enriquecendo seu conhecimento e trabalhando na construção de sua personalidade.

Entende-se, portanto que, a criança tem o poder de descobrir o mundo através do lúdico, da fantasia, do sonho e do mágico, assim como constrói sua imaginação, despertando sua liberdade de pensamento e criatividade. Pode estabelecer uma conexão harmônica entre fantasia e realidade, facilitando a compreensão das coisas mundanas dos adultos e a resolução de conflitos internos.

1.3 A LITERATURA NO CONTEXTO FAMILIAR

A família que se faz presente na formação de seus filhos é grande participante de seu desenvolvimento, pois é nesta instituição social que se aprende valores e a convivência em sociedade, assim como a linguagem e a cultura. Mesmo

com todas essas atribuições, a família também se destaca como um elemento necessário de inclusão das crianças no mundo da leitura.

Entretanto, cabe esclarecer que, quando se fala em família, não se trata apenas de fazer referência à concepção conservadora de família composta por pai, mãe, filhos e demais parentes. É referido a todos os tipos de formação de famílias, sejam aquelas compostas por casais de homossexuais ou aquela constituída apenas pela mãe ou pelo pai, ou a família criada e nutrida a partir dos amigos, pois afinal também se caracteriza como família. O foco aqui é a reflexão sobre os benefícios do incentivo e do exemplo dado pela família, seja lendo ou incentivando uma criança a ler, posto ser nesta etapa que se encontra em pleno desenvolvimento cognitivo, social e moral.

Agora o que identifica a família não é nem a celebração do casamento nem a diferença de sexo do par ou envolvimento de caráter sexual. O elemento distintivo da família, que a coloca sob o manto da juridicidade, é a presença de um vínculo afetivo a unir as pessoas com identidade de projetos de vida e propósitos comuns, gerando comprometimento mútuo. Cada vez mais, a ideia de família se afasta da estrutura do casamento (DIAS, 2005, p. 39).

Com isso, a ideia de instituição familiar ganhou novos horizontes, adaptando-se à nova realidade, criando assim, uma união repleta de amor e afeto, deixando de lado a ideia de ter uma família apenas para reprodução, e sim por conta da incansável busca no ideal de felicidade e divisão plena da vida a dois.

A família passou a ser estabelecida pelo casamento, união estável ou pela comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes, denominada família monoparental, nuclear, pós nuclear, unilinear ou sociológica, buscando o ideal da felicidade, do desvelo, do carinho e da comunhão plena de vida e de afeto (WELTER, 2004, p. 79).

No acompanhamento das transformações sociais e culturais, o conceito de família, como já dito, foi alvo de diversas mudanças para se adaptar à nossa realidade, e junto com ela, os institutos jurídicos também tiveram mudanças, de forma que a família tradicional, que normalmente é reconhecida pelo casamento, recebeu outras formas, como união estável (art. 226, § 3º CF) e família monoparental (art. 226, § 4º CF), finalizando com a junção homoafetiva para fugir do tradicional, pois também tem o intuito de constituir uma família baseada nos laços afetivos e liberdade da sexualidade.

O que interessa demonstrar é que, lares que contém adultos fazendo leitura às crianças, desperta o interesse literário de forma mais prazerosa, e com isso, o ato de ler acaba se mantendo na fase adulta. Assim, como para os adultos, também para as crianças ouvir histórias é um evento prazeroso, que desperta e provoca a sua curiosidade e imaginação.

Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 22).

A instituição familiar se dá por presente em todas as sociedades, sendo neste tipo de ambiente, que a criança tem seus primeiros contatos sociais, sendo usados como intercessores dos modelos, padrões e influencia acerca da cultura presente no meio social em que se está incluso. A família é o espelho de grandes influências, assim como o pensar e o agir que também é reflexo de seus responsáveis e ou familiares. Paro (2009, p. 04) defende que:

[...] não se trata, nem dos pais prestarem uma ajuda unilateral à escola, nem de a escola repassar parte do seu trabalho para os pais. O que se pretende é uma extensão da função educativa (mas não doutrinária) da escola para os pais e adultos responsáveis pelos estudantes. É claro que a realização desse trabalho deverá implicar a ida dos pais à escola e seu envolvimento em atividades com as quais ele não está costumeiramente comprometido.

A escola leva como dever incentivar, criando oportunidades para o envolvimento da família no âmbito escolar, de forma que se sinta confortável para ótimo desenvolvimento da vida escolar do aluno. Ainda segundo Paro (2007, p. 14), “O ‘querer aprender’ é também um valor cultivado historicamente pelo homem e, portanto, um conteúdo cultural que precisa ser apropriado pelas novas gerações, por meio do processo educativo”. Assim como é cultivado diversas coisas no desenvolvimento da criança, a vontade de aprender é uma delas. Logo, como a escola é encarregada pela educação sistematizada, não pode ficar de fora disso, deve assumir a responsabilidade pela criança.

Quando se fala em educação, formação desenvolvida, é subdividida em dois contextos, a educação familiar e a educação escolar. Cabendo aos pais a responsabilidade de ensinar aos filhos os valores morais, atitudes e comportamentos

que serão assumidos diante da sociedade, e para a escola vale os ensinamentos dos conhecimentos chamados científicos.

Quando a criança participa de um grupo familiar onde existe vínculos estáveis e afetivos, o processo de humanização do indivíduo recebe contribuições positivas para o desenvolvimento escolar do aluno. Pois onde um lar é deficiente, mal estruturado econômico e socialmente, favorece, na maior parte das vezes, o mau desempenho escolar dos mesmos

Na linha de pensamento de Tedesco (2002), compreende-se que a família deve se esforçar mais para estar presente em todos os momentos da vida dos seus filhos, e isso inclui a vida escolar da criança. Isto implica o envolvimento, colaboração e comportamento dos pais ou responsáveis. Quando a família contribui no desenvolvimento da criança, influenciando-a com a leitura, está favorecendo o aprimoramento da escrita e da oralidade da mesma, e como consequência, influencia em boas notas, produzindo conhecimentos que se é adquirido pela leitura das informações.

A leitura favorece a remoção de barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação principalmente através de promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo (BAMBEGER, 2002, p. 11).

Possivelmente, por algumas pessoas não conhecerem o valor da leitura, seja por diversos motivos, o principal é a falta de oportunidade. E quando se tem a oportunidade, optam por trabalhar ao invés de continuar com seus estudos.

A vida do leitor se inicia ainda na barriga da mãe, onde já recebe estímulos por histórias que os pais lhes contam. Seguindo com o aprender do alfabeto no início dos seus anos escolares, depois leitura de pequenas palavras e decodificações de textos. Tudo isso estimulado tanto pela escola quanto pela família, dando sentido no porquê aprender, incentivando a criança em ler como forma de lazer, diversão.

Quando a criança nasce em um ambiente familiar em que note seus pais ou outras pessoas lendo um livro, verá que o objeto usado chama a atenção dos mesmos, ainda que seja por algumas horas, fazendo com que a criança pense que aquilo é uma coisa boa de se fazer, pegando gosto por aquilo também.

O gosto pela leitura está diretamente associado aos estímulos que são proporcionados à criança desde muito cedo. O contexto familiar é de grande importância. Quando a criança cresce no meio de livros e vê, à sua volta, adultos lendo é despertado nela o hábito de ler, considerando que a formação de um leitor não se dá através de produtos, e sim, de estímulos (NASCIMENTO; BARBOSA, 2006 *apud* RODRIGUES, 2016, p. 33).

Muitas vezes, o gosto pela leitura pode ser estimulado no decorrer do dia, mesmo que por alguns minutos diários, podendo ser feito através de cantigas de ninar, contação de história na hora de dormir, hábito dos pais de lerem para os filhos, quer seja jornais, revistas, folhetos, ou a participação da criança na compra de livros.

Quando uma criança cresce em um ambiente onde as pessoas participam de uma cultura letrada, há maiores chances de a criança se desenvolver um bom leitor. “Assim, para continuarmos lendo pelo resto da vida, com a mesma emoção e mantendo a mesma curiosidade sobre o mundo dos escritos, é preciso conviver com outro para quem a relação com a literatura é também intensamente vivida” (SOUZA, 2004 *apud* RODRIGUES, 2016, p. 33). Desse modo, não se deve obrigar a leitura na vida da criança, e sim, a estimular, mostrando seu lado bom tal como o de fantasiar, do mundo de magias, procurando instigar a curiosidade da criança, criando um ambiente saudável para a leitura.

Uma das primeiras coisas que as crianças devem pegar e ver são os livros de gravuras. Antes mesmo que a criança seja realmente capaz de compreender o texto, os pais devem ler em voz alta e falar-se sobre o livro, contemplando com elas as gravuras e nomeando as coisas que nelas se veem (BAMBERGER, 2002, p. 71).

Além do apoio e incentivo dos pais, as crianças iniciam seu gosto e sua leitura através das gravuras dos livros, onde elas falam por si só, por mais que ainda não saibam ler, passam a entender muito mais delas. E com o tempo, entenderia muito mais que elas.

De acordo com Sandroni e Machado (1998 *apud* RODRIGUES, 2016, p. 35), “os livros aumentam muito o prazer de imaginar coisas. A partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar sua experiência da vida real”. Seguindo esse pensamento, se pode afirmar que, após ouvir algumas histórias, as crianças vão criando suas próprias histórias, e assim, reescrevem ou recontam o que ouviram pela sua percepção das coisas e de sua imaginação, fazendo com que suas habilidades sejam elevadas de formas indispensáveis para a construção da sua

identidade como sujeitos pensantes e seguros de si. Inclusive as crianças mais crescidas ou aquelas que já sabem ler, tem certa necessidade destes mecanismos para aprimoramento do seu prazer pela leitura.

Quando as crianças ouvem histórias há um certo desenvolvimento na sua capacidade de ouvir, desenhar, refletir, expressar o que ouviram e reescreverem seguindo o seu ponto de vista, concretizando tarefas que muitas vezes são adormecidas no seu dia-a-dia, cada vez mais cheio de atividades que envolvem a tecnologia, onde não contribuem de forma positiva na riqueza das narrativas do mundo infantil.

Desse modo, adaptar e apurar a riqueza narrativa no cotidiano das crianças desde pequenas contribui não somente para o gosto de ler e escrever, mas também, com a sua formação educacional, moral e social. No método de desvendamento da literatura e de toda a magia do seu mundo, é essencial que o adulto deixe que a criança sinta o livro, as suas páginas, e fantasie as suas figuras com o toque, o folheie o quanto quiser, para que o contato dela com o livro se torne o mais íntimo possível, indo de acordo com o tempo de cada criança, porque a leitura não deve ser algo duro e sim, prazeroso.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica [...]. É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Seguindo a observação da autora, a literatura tem a capacidade de fazer com que a criança mentalize de forma clara as histórias contadas, e que desta maneira, apresentem entendimento de um jeito mais amplo e claro do mundo, os sentimentos, temores e medos que sentem. Faz com que a literatura atue na construção da concepção que a criança tem do mundo, do outro e de si próprio. Então, quanto mais cedo a criança for apresentada para o mundo literário, mais rápido e de melhor forma, desenvolverá seu gosto pela leitura.

Daí a importância de os pais entenderem que a leitura representa na vida de seus filhos pertencendo a eles a prática do incentivo, seja por meio da leitura em casa no dia a dia ou através de estímulos. É com a leitura que se desenvolve o domínio da leitura e da escrita, criação de hábitos de leitura e a resposta aos níveis de literária da população, em geral, e dos jovens, em particular.

Uma das primeiras pesquisadoras a analisar a influência dos pais no desenvolvimento inicial do letramento de seus filhos, em trabalhos realizados com crianças que iniciavam seus estudos na pré-escola, concluiu que os leitores precoces tendem a vir de famílias que estiveram mais dispostas a auxiliá-los a aprender a ler, cujos pais desenvolviam com estas atividades que promoviam o letramento, em especial a leitura de livros e atividades com os sons das letras (CHARMEUX, 1995, p. 89).

A autora cita que algumas pesquisas do mundo todo revelam que a criança que lê e tem contato com a literatura desde cedo, especialmente se for com o acompanhamento dos pais, é favorecida em diversos sentidos, uma vez que desenvolve melhor seu aprendizado na pronúncia das palavras e facilita sua comunicação. Assim sendo, a família deve levar em conta que, o ato de contar histórias é um dos modelos de práticas capazes de promover o letramento. Escutar histórias é o início da aprendizagem de ser leitor, e ser leitor é ter um caminho ilimitado de desventuras e de compreensão do mundo.

Frantz (2011), levanta um questionamento acerca do que torna os contos de fadas especiais, e logo após, explica que os contos de fadas são narrações cuja origem se perde no tempo e que vem atravessando séculos após séculos, sempre cativando os seus leitores. São especiais pelo fato de que não perdem a sua contemporaneidade, porque se trata de essência humana, que é a mesma desde que o homem existe.

Nesse contexto, as famílias devem fazer uso do conto de fadas como forma lúdica posto causar enorme influência no desenvolvimento psíquico da criança. Os contos acabam sendo apresentados para às crianças como oportunidade de projetar sonhos e desejos através da fantasia, guiando a sua autonomia e a crença na modificação de suas fraquezas em potenciais para vencer desafios, tomada de novas posturas, pensar de forma crítica e mudar sua história. Os contos de fadas têm a função de emocionar, divertir, criar suspense, mexer com as emoções mais selvagens do indivíduo.

Diante destes e diversos aspectos no âmbito da literatura infantil, os contos de fada são grandemente enriquecedores e satisfatórios tanto para a criança, como para o adulto, tendo algumas raras exceções, pois, desde o nascimento, uma criança, mesmo sem consciência do que é, expressando seus desejos, tanto os relacionados às necessidades vitais e biológicas quanto às afetivas.

Conforme Silva (2007 p. 09), a capacidade de entendimento já está traçada, tanto a criança compreende a mãe, quanto a mãe compreende a criança. E, mais

uma vez, firmando que os contos podem formar adultos reflexivos e conscientes, tendo em vista que os adultos são responsáveis por ensinar a criança a ler, que segue o pensar, o questionar. A autora explica ainda que, quando uma criança entra em contato com esse gênero literário, tem a possibilidade de estar diante de si mesma mergulhada no seu mundo interior, identificando-se com o bem e o mal, enfim aberta a tudo aquilo que provoca seu afeto e sensibilidade.

Portanto, é notório que, a literatura tem um lugar de importância na vida das crianças, e muitas vezes, na vida de um adulto também uma vez que estimula a pessoa no processo de leitura e desenvolvimento como ser humano. Além de entreter, ajuda no ser crítico de cada pessoa, fazendo com que no imaginário, encontre conforto, saciedade de suas curiosidades, ou até mesmo, leve os contos como uma fuga de sua realidade. Assim, por meio da Literatura é possível aproximar as famílias, além de promover a melhoria no desempenho da leitura, na socialização, no pensamento lógico da criança.

2 POSSIBILIDADES E DESAFIOS DO CONTO DE FADAS NA ESCOLA

2.1 CONTO DE FADAS COMO ALTERNATIVA DIDÁTICA

De acordo com Moretti (2009 *apud* SOUZA, 2016, p. 15), as primeiras referências aos contos se dão a partir do século XVIII, na Europa, no momento em que os camponeses se reuniam ao redor da lareira/fogueira para falar sobre suas experiências, esperanças e desejos. No século XVIII, na França, não existia preocupação acerca de tabus, tendo os contos narrados de forma livre e explícita, fazendo com que os contos fossem um reflexo da realidade da época.

A origem dos contos se dá na época da dita literatura primordial, aquela que, embora não tenha sido transcrita em material perpétuo, viajou séculos, preservado na memória dos povos. Sendo descoberto através delas, o fabuloso fundo das narrativas orientais, forjados durante séculos antes de Cristo e que fora difundida por todo o meio Cristão através da tradição oral.

Dessas narrativas primordiais orientais nascem, pois as narrativas medievais arcaicas, que acabam se popularizando (na Europa e depois em suas colônias americanas, como no Brasil) e transformando-se em literatura folclórica (ainda hoje viva, entre nós, circulando principalmente no Nordeste, através da “literatura de cordel” ou em literatura infantil (através dos registros feitos por escritores cultos, como Perrault, Grimm, etc.) (COELHO, 2000, p. 13).

De acordo com a citação da autora, os contos que conhecemos nos dias atuais foram escritos e aperfeiçoados das primeiras narrações de contos passados oralmente de geração em geração, sendo popularizado em suas colônias, tanto americanas quanto as brasileiras. Foram se modificando de acordo com cada século vivido, tentando manter sua essência, mesmo que agora seja embelezado para a criança, fugindo um pouco das situações da vida real, como eram originalmente.

As primeiras formas de escrita foram as inscrições em pedras, escrituras em papiro ou pergaminho, e em tabuinhas de argila ou de vegetal, em rolos ou folhas presas por um de seus lados, ou ainda, por grossos livros manuscritos, onde eram muito estimados e protegidos com grossos cordões e cadeados.

Essas primeiras escritas eram muito importantes pelo fato de falarem da história de cada povo, suas crenças, rituais, e etc. Onde sempre era visto o homem como um ser mágico, como algo misteriosamente poderoso, podendo tanto proteger

quanto ameaçar, destruir ou construir. Levando a vida como um enorme “Yng e Yang”, em busca do equilíbrio do bem e do mal, mas, com que o lado bom fosse o predominante. Motivo pelo qual tinham cânticos ou rituais e fórmulas mágicas, pois, se acreditava que pudessem ajudar o homem a vencer as forças malignas, inclusive, de si mesmo, da natureza, animais e seus inimigos (BETTELHEIM, 2002).

Os contos de Perrault durante os 300 anos de sua existência, além de alimentar a imaginação e sonhos das crianças e adultos, também atrai a atenção de dezenas de estudiosos das mais diversas áreas das Ciências Humanas. Desse Modo, os contos de fadas são considerados uma variação do conto popular ou fábulas. Onde o que partilhavam entre eles, o fato de serem narrativas curtas, com sua transformação de forma oral. Sua história é baseada em um herói ou heroína que tem como missão de vida, enfrentando grandes obstáculos antes de vencer o mal. Tendo em suas características semelhantes, algum envolvimento mágico, encantamento ou metamorfose, e levando em consideração seu nome, é mais normal que os animais sejam falantes, do que as ditas fadas (COELHO, 2010).

Como é sabido, os contos de fada são influenciados pela civilização em que surgiram, tornando-se um desafio fazer a identificação no tempo e no espaço, já que não se tem muitos registros deste sentido, pois sempre começava com “Era uma vez”, “Num certo lugar distante”, “ Numa época em que os animais ainda falavam”. E apesar de não se ter comprovação do espaço e tempo da narração, a história é iniciada como descrição de algum ambiente familiar, com problemas familiares/conhecidos.

Quando se fala em contos de fadas, existe a possibilidade de terem perdido seu caráter mítico, pois, como eram passados através da tradição oral, facilitando a migração de uma região para outra, estavam sujeitas a sofrerem mutações, se adaptando à cultura local, porém, mantendo suas raízes na cultura popular.

De acordo com Machado (1994, p. 44), “Fadas: são os seres que fadam, isto é, orientam ou modificam o destino das pessoas. Fada é um termo originado do latim *fatum*, que significa destino”. Nos mostrando que além do encanto com as fadas, os contos também conseguem deixar fluir o imaginário, levando a criança a ter curiosidade, descobrindo diversas coisas no desenrolar da narrativa.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos

modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança (BETTELHEIM, 2002, p. 20).

Com base na citação, em um conto de fadas, os problemas internos se tornam externos e de fácil compreensão, enquanto são representados pelas figuras dos contos e seus ocorridos. Tendo como principal objetivo nos contos de fadas, para crianças em desenvolvimento, pois não se resumem a apenas nas formas corretas de bom comportamento, mas, também, são terapêuticos, fazendo com que o leitor encontre sua própria resposta, por meio do que a história pode implicar diante de seus conflitos internos e os problemas de sua vida.

Nesse aspecto, se torna uma marcante característica da área dos contos, tendo poder de lidar com os conteúdos das sabedorias populares e materiais essenciais para a condição humana. Por isso, vivem até hoje, e bem envolvidos no mundo das maravilhas, cheio de fantasia, mas que sempre parte de situações reais e concretas, lidando com as emoções.

Quando se fala em contos de fadas e sala de aula, pode-se dizer que existe pontos comuns e diferentes. Diferentes, pois a escola busca a transformação da realidade viva e reproduzi-la nas disciplinas de sala. Isto faz com que a literatura infantil através dos recursos de ficção, sintetize uma realidade onde há diversos pontos de contato com o que a criança vive cotidianamente.

[...] a escola fecha suas portas para o mundo exterior e, se o regime de internatos entrou em franca decadência, isto não significa que seu modo de pensar a realidade tenha sido suplantado. Pois o prédio do colégio permaneceu como um espaço separado da coletividade e, muitas vezes, fechado ao adverso a seu interesse (ZILBERMANN, 2003, p. 19).

Um dos poucos considerados fundamentais para o professor e as suas questões trabalhadas em sala, é a escolha dos textos e as adaptações do mesmo para os leitores. Sempre lembrando que independente da sua idade, no mundo das fadas, todos os seguem felizes para sempre. “Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, científica e a técnica (VIGOTSKI, 2009, p.14).

Uma história quando é bem contada, independente da fase humana, tem grande importância, pelo fato de atender algumas necessidades do ser humano, que

é o encantamento como obra de arte. Como tudo vem da nossa imaginação, quando se fala de histórias, logo vem à cabeça a magia e seus diversos significados.

Nota-se quem conta a história, e da forma como é contada, seguindo as emoções presentes permite a criação do encantamento com as palavras. Isso leva a crer na imaginação como toda experiência que o cérebro faz conservação e reelabora como se fosse uma atividade criativa.

Para o desenvolvimento do hábito e gosto pela leitura, além de a família estimular com um ambiente mais aconchegante para esse leitor, os professores devem estar preparados para tais atos, deixando como importante, a formação continuada dos professores como forma de contínuo aperfeiçoamento. Para mostrar aos seus alunos a importância da leitura, e que desperte o senso crítico neles. Estimulando uma leitura, prazerosa em todas as oportunidades e não vê como obrigação.

Muitos professores fazem o seu trabalho com histórias ou contos de fadas em suas salas de aula. Em algumas escolas, há ótimos projetos de leitura, enquanto outras, ainda estão em situações precárias. De fato, ou alguns professores não têm consciência da importância dos contos, não estão preparados ou não dão a devida importância, com interesse reduzido no assunto.

Uma das coisas que pode ser de grande estímulo para os alunos, se desenvolve a partir do planejamento do professor, fazendo com que alguém os faça uma visita, como contador de histórias, com livros ou material personalizado. Também visitas em espaços culturais, como projetos de leitura ou feiras do livro, e ainda, junto com sua formação, diversas ideias para a integração da literatura em sua sala de aula.

O ato de contar histórias ou contos, não deve ser limitado a um momento em que farão uma leitura e logo os livros serão deixados de lado, não se restringindo apenas ao entendimento da sua linguagem. Devendo-se preservar seu caráter literário e estimular a sua função de despertar a imaginação e sentimentos, ao mesmo tempo em que cria conhecimentos e aprendizagens.

Segundo Vieira (2005), o ato de contar histórias é uma das atividades mais antigas que se pode ter notícias, com essa arte é possível remontar épocas desde o surgimento do homem há milhões de anos. Quando se conta histórias ou declama poemas se pratica a cultura humana, sendo esta, antecedente do desenvolvimento da escrita. Pelo fato de ler, aprende-se a escrever, enriquecendo o vocabulário e o

conhecimento, sendo por causa desta leitura da contação de histórias que foram feitas descobertas, desenvolvimento na sociedade e em sua vida pessoal, se tornando uma atividade fundamental para meios de transmissão de conhecimento e valores.

A contação de histórias é o momento mágico que envolve a todos que estão viajando pela leitura das mesmas. Quando o professor lê com os alunos, ele cria um certo clima de cumplicidade, os levando para a época em que se era contado histórias ao redor do fogo, onde se concentrava uma plateia, com a atenção totalmente voltada para o que iam ouvir, recebendo também costumes e valores do seu povo. Agora, não se reúnem mais ao redor do fogo, é nas escolas que se estabelece o elo entre o aluno e o livro, pois o ato de contar histórias é próprio do ser humano, onde o professor pode se apropriar disso para transformar a contação em um importante recurso de formação de um futuro leitor.

Para a pesquisadora portuguesa Maria Emília Traça (1998, p. 130), a narração engloba ações e personagens livres do universo empírico, provocando a criação de “mundo possíveis”. Cada maneira que se inicia uma narração, cria diversos projetos imaginários em relação ao tempo e espaço, como “era uma vez”, “no tempo em que animais falavam”, gerando uma distância em relação a contextos enunciativos próximos, podendo desencadear atividades imaginárias. A tradição oral oferece uma enorme abundância de fórmulas iniciais e finais. Introduzidas no conto permite ao narrador-contador deixar de forma clara que começou o desenrolar da história, criando a partir daí um clima diferente, um mundo diferente, abrindo portas para outros mundos.

Sendo assim, a narração acaba por envolver o leitor, o que leva a identificar os personagens e algumas situações, ajudando a entender que os contos de fadas, mesmo fora da realidade. São espelhos de suas experiências pessoais, fazendo com que a criança tenha reflexão em busca de soluções para os questionamentos do mundo ao seu redor nos primeiros anos da educação infantil.

Admite Cashdan (2000, p. 145), que a forma peculiar de dar início as narrações do conhecimento popular, bem como o “era uma vez...” atrai o leitor para vivenciar a realidade dos conflitos interiores de outrora, que não se pode fazer no presente, passado ou futuro. O termo “Era uma vez...”, conforme o autor, garante em qualquer infante um caminho leve, pois “tem a marca da repetição do gesto e da palavra. Tal ato, gera o convite à emoção para a educação infantil”.

Na mesma linha de pensamento, Bettelheim (2002) confirma que, o “Era uma vez...” instiga a imaginação da criança a ir em um tempo diferente do dele, pois, esta fala faz parte de um ritual que o faz regressar para o tempo da eternidade, lugar onde tudo era possível. A criança já entende que, esse início, não se trata de histórias de sua realidade, o que gera o encantamento na criança, porque com o “Era uma vez...” qualquer coisa é produzida.

Afirma ainda, que o “Era uma vez”, não perde sob nenhum motivo a maiúscula inicial onde sinaliza o início, sendo o emblema do costume histórico. A maravilha dos contos de fadas se concentra no poder mágico do diálogo com a criança de maneira persuasiva, porque não rejeita a competência dos ingênuos, pelo contrário, na educação infantil é onde se encontram os contos de fada buscando respeitar aquilo que pode se mostrar óbvio ou assustador.

2.2 LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS

Quando a literatura infantil é envolvida no processo educacional, a mesma apresenta enormes benefícios para a formação da criança, a induzindo a isso, através da leitura. Desenvolvendo na criança, a capacidade de melhor entender o mundo, criando mais senso crítico, maior facilidade para narrar e interpretar diversos textos, assim como alguns critérios para o conhecimento da grafia e da língua das palavras, oferecendo ao leitor uma experiência de interação específica, como forma de inserir sua parcialidade no texto.

“[...] a literatura pode ser, para a criança, um aspecto para a expansão do seu ser [...] ampliando o universo mágico, transreal da criança para que essa se torne um adulto mais criativo, integrado e feliz”, segundo Cavalcanti (2009, p. 39). Desse modo, a literatura pode ter início na sala de aula, pois cria a interação entre o professor e o aluno, pelo fato de que quando se leva a literatura infantil para a sala de aula, o docente estabelece elos de diálogo com o discente, o envolvendo na sua própria realidade e a cultura da mesma.

Por meios das histórias/contos de fadas, a criança apresenta características e interesses diferentes, pois nos seus primeiros contatos com a leitura e, de acordo com as circunstâncias ao seu redor, pode surgir diferenças de interesses, capacidade de aproveitamento e compreensão. Para Cunha (1999), é importante a criança obter pela extensão de sua vida, a literatura como forma de enriquecer seu

conhecimento oral e escrito, desenvolvimento de suas emoções e dimensões cognitivas. Fazer com que a leitura exija um maior grau de atenção consciente, maior participação afetiva do leitor. Acrescenta também que, seria interessante e proveitoso que a escola “procurasse desenvolver, no aluno, formas através de lazer-aquelas que tornam o indivíduo crítico, mais consciente e produtiva. A literatura teria papel relevante nesse aspecto” (CUNHA,1999, p. 47).

Essas peculiaridades da literatura infantil são precisamente o que determinam as relações que acontecem entre as crianças e os livros infantis. O fato de existir as histórias contadas deduz a utilidade de se ler, visto que é por meio da leitura que se cultiva relações com o mundo, tendo fundamentado que os textos literários são competentes para isso. Pertencendo ao professor raciocinar, sobre as escolhas mais plausíveis para seleção dos livros infantis, e a forma como será apresentado para as crianças, visando ajudar no seu desenvolvimento de leitura e escrita. Nesse contexto, Cavalcanti (2009, p. 79), destaca:

Não basta que a escola promova o lúdico, a brincadeira e a leitura dentro de um clima de prazer. é fundamental que aprender a ler e a gostar de ler tenha um sentido na vida de cada um. Que o leitor se sinta identificado com o lido, que possa exercitar-se numa aprendizagem importante sobre o mundo, as pessoas, a natureza, as lutas, a dor e o amor.

Seguindo a teoria do autor, o professor pode fazer uma leitura quase ou totalmente completa na sala de aula, podendo ser jornais, revistas, indo até onde a imaginação permitir. Deve dar importância à diversidade de textos que oferecem aos alunos, e oportunidades de construir seus sentidos, de acordo com suas vivências. Também cabe ao professor fazer da literatura uma aliada, criando boas influências no processo de ensino e aprendizagem, onde pode propiciar o emocional, cognitivo aprendizado da criança.

Cavalcanti (2009, p. 44), afirma ainda que “ensinar a ler significa muito mais do que instrumentalizar o sujeito para o exercício de código linguístico. Contar histórias para crianças vai muito além de diverti-las, porque toca em questões essenciais da existência”. Desse modo, demonstra que, o professor deve possuir diversos meios para a escolha dos melhores caminhos na formação do aluno, estimulando o gosto e o prazer pela leitura, possibilitada pelas acessíveis formas de desencadear os obstáculos e seguir em frente.

Quando a criança usufrui de um acervo de livros e histórias infantis, de forma mais espontânea possível, torna este ato mais prazeroso, agradável e produtivo. O que tornar indispensável o uso dos textos literários com objetivos educativos para que a relação texto/aluno/intermediário, seja desenvolvida com sucesso em sua capacidade de compreensão.

Para se ter um projeto de educação de forma democrática, e a habilidade que vem à tona a leitura e a interpretação, a autora Lajolo (2008, p. 106) fundamenta que:

E à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam a diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso, a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, torna-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ter muitos.

Como é sabido, a literatura infantil tem suma importância para o desenvolvimento da criança, posto que desde cedo deve haver a interação com livros narrativas de variadas formas, instigando sua curiosidade, para ser usada no intuito de exploração e manuseio de materiais, podendo compartilhar com um adulto seus momentos de leitura, de descoberta. A infância é o início de parte do processo de desenvolvimento e possibilidades de a leitura participar de diversos conjuntos da vida.

Nesse contexto, na educação infantil, a criança que tem participação ativa em eventos literários e deve receber incentivos por variadas vertentes, tanto afetivas, quanto sociais e cognitivas. Logo no início, por mais que a criança não saiba ler, ou interpretar as palavras e histórias, a mesma consegue aprender através das cores, imagens e diversas características do livro utilizado, uma vez que, a leitura vai além do que as palavras mostram.

Intimamente, ligada à imaginação da criança, a literatura infantil cria ligações da leitura e contação de histórias/contos de fadas na educação infantil. Segundo Coelho (2000, p. 16):

A escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiando os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas

múltiplas significações; a consciência do “eu” em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis, e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente condição para a plena realidade do ser.

Quando o educador lê e conta histórias para seus alunos, acaba se tornando uma referência, pois, analisam suas gesticulações, tonalidade da sua voz, se faz o uso de fantoches ou objetos que retratem a história ou conto. Observam também a forma como o ambiente está organizado para este momento, o que faz que sua atenção esteja voltada ao belo ato da narração.

Após a narração, pode se usar o Conto de Fadas para diálogos em busca de interpretações pessoais de cada criança, dando o seu ponto de vista acerca do que foi ouvido, com a oportunidade também para recriações, brincadeiras e desenhos. São diversas as possibilidades de a criança desenvolver suas diversas habilidades quer seja para a área da oralidade, quanto escrito ou ato artístico.

Contar histórias é uma arte... E tão linda! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por não e nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz. Daí que quando se vai ler uma história seja qual for-para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro livro que se vê na estante (ABRAMOVICH, 1997, p. 18).

De acordo com o que foi visto há pouco, pode-se destacar alguns estudos na área, onde reforçam o argumento de que a literatura não só tem um caráter prazeroso, lúdico, como também, um caráter formativo para os leitores, a partir da educação infantil.

Reforçando a ideia do professor como mediador de ideias, é preciso que se tenha entusiasmo no ato de ler, interpretar, produzindo oportunidades de estimular seu mundo imaginário, fazendo uma ótima contribuição para o aceitação e certo ar familiar com os livros e momentos de leitura, no qual causa bastante reflexão nos seus ciclos da vida social e escolar.

A sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança (ZILBERMAN, 2003, p.16).

O autor mostra que, além da influência objetiva dos professores no momento da leitura juntamente com as crianças, fazem a ligação dos contos de fadas com outros pontos da vida de quem ouve. Cantinhos da leitura, visitas aos lugares com uma quantidade enorme de livros, como bibliotecas ou livrarias, projetos de intervenções literárias, podem ser ditas e chamadas de meios para gerar a aproximação das crianças, livros e histórias. Ressalta-se também a importância do manuseio e contato físico diário para com os mesmos.

A literatura infantil se modificou como ferramenta e estratégia para o desenvolvimento do indivíduo, pois, pode contribuir para a aprendizagem da leitura, escrita e sua formação enquanto leitor e ser crítico e questionador. Para que a mesma realize sua função, se faz necessário o envolvimento das escolas/centros de infância, presente neste processo educacional.

Nessa perspectiva, a criança tem maior compreensão de si e do outro quando o mesmo é influenciado desde cedo em obras literárias escritas ou contadas, pois assim como se desenvolve sua criatividade, ampliando o seu conhecimento, a criança desenvolve sua percepção do mundo e a realidade que os cercam.

Os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte" integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida (BETTELHEIM, 2002, p.13).

É notório que uma história ou contos de fadas carrega consigo abundantes possibilidades de aprendizagem, e no meio delas, é possível encontrar os valores contidos nas entrelinhas, possibilitando à criança a troca de opiniões e desenvolvimentos de sua capacidade de expressão. É possível também encontrar no conto de Fadas, a assimilação das relações e comportamentos dos personagens relatados se cruzando com os da criança, dando liberdade ao professor trabalhar com múltiplos aspectos educativos a partir da literatura infantil.

Conforme Bettelheim (2002, p. 12), "A aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida". Com base nesse pressuposto, a leitura de textos literários concede ao leitor, o envolvimento de sentimentos, tais como as emoções, podendo serem reveladas de acordo com a organização do texto, quer seja o padrão

predominante nos textos, que faz exigências de certas habilidades de leitura e conhecimentos considerados específicos de quem lê, para o desvendamento do texto. Dessa forma, o ato de ler se torna uma modalidade para a busca do intelecto, pois estimula o conhecimento e experiências preexistentes do leitor, podendo desvendar a informação do texto e projetando em si.

Muitas das vezes, não é observado se a literatura em si, é utilizada em sala de aula apenas como exploradora de competências da linguagem ou da literatura por prazer, pois quando se desfoca do aprendizado escolar, o aluno é conduzido para uma compreensão da realidade vivida, quebrando os padrões da sociedade letrada, causando um rompimento na ideologia que reina e cria atrito com o mercado editorial. Tudo isso por conta de algumas instituições escolares que ignora o fato de o leitor viver em um plano real, de uma existência pessoal e sólida, sendo sujeitos a utilizar as leituras como forma de interpretar algumas coisas de sua vida.

Não se deve esquecer que os professores devem utilizar a contação de histórias no momento da leitura, a riqueza e a estrutura que o livro contém, sendo uma alternativa para evitar a redução da literatura apenas para o pedagógico, explorando no livro infantil, sua narrativa e ilustrações como abordagem competente e criativa.

A leitura dos contos desenvolve, além da visão educacional, o afetivo e o cognitivo da criança, mostrando que o simples fato de proporcionar uma leitura de ótima qualidade, faz o cumprimento de parte do papel do educador, pois, acabam expondo seus alunos ao mundo literário. Logo, entende-se que, quando se pratica o momento da leitura em sala de aula, entende-se que pode ser lido com vários objetivos, como para conseguir uma informação, instrução, revisar o que se escreveu, para aprender, etc. Assim como também pode ser usada apenas para diversão, como modo de distração, que mesmo desta forma, contribui para o desenvolvimento de seu cognitivo, seu modo de pensar, modo de trabalhar e agir.

De acordo com Piaget (1999 *apud* ZACH, 2016, p. 10), o desenvolvimento da criança é resultado do processo de mudanças cognitivas e intelectuais, mudanças essas, conquistadas com a leitura. É um processo constante, composto de mudanças gradativas, o que faz com que na visão do autor, exista quatro fatores responsáveis pelo desenvolvimento cognitivo da criança, que são eles: a maturação, a experiência ativa, a interação social e o processo geral de equilíbrio. Tornando cada um desses fatores indispensáveis para o desenvolvimento cognitivo da criança,

entretanto, por se tratar de cada fator de forma isolada, se torna insuficiente para se obter bons resultados.

Segundo Rodrigues e Câmara (2013), cada faixa etária da criança, tem um desenvolvimento cognitivo correspondente, como por exemplo, a criança de três anos, passa a conseguir fazer relação de uns objetos com outros, tentando a combinação de objetos similares, e conseguindo dar nome às ações representadas por figuras (como as plaquinhas da obediência), obtém melhor compreensão de certa quantidade de palavras da qual faz uso, constrói frases simples e pequenas, e, acaba desenvolvendo um ótimo desempenho nas atividades que fora interrompido em seu momento de distração.

Aos quatro anos, pode-se notar melhor desenvolvimento de seu vocabulário, despertando interesse na sua linguagem articulando as vogais e consoantes de forma clara e criando pequenas frases estruturadas. Passa a compreender e diferenciar o que é real e o que é fantasia. Adquire certa percepção acerca dos desenhos e símbolos, fazendo conexões com o real. Quando se refere ao seu emocional, nota-se que nessa idade adquirem amigos imaginários, pode ter pesadelos frequentes e amplia a sua capacidade de fantasiar.

Já nos cinco anos, enquanto se tem a literatura e leitura presente em sua vida, a criança já faz melhor uso dos pronomes e suas linguagens, aceita instruções e supervisão. Nessa idade, a criança demonstra certa preocupação se referindo ao adulto, por desejar agradá-lo, mas também, se torna mais sensível ao emocional do outro, visto isso de acordo com o desenvolvimento afetivo da criança principalmente dentro de um ambiente familiar.

Todo esse processo descrito acima, demonstra a importância que a literatura infantil tem na vida da criança, pois como já citado, os contos de fadas/a literatura infantil, não servem apenas para passatempo, pelo contrário, tem o objetivo de desenvolver algumas capacidades na criança, podendo ser nos quesitos sociais e a ampliação de sua interação, brincar das mais variadas formas, fazendo o uso de diversas linguagens para comunicar-se, e conseqüentemente, descobrem sua identidade.

2.3 A ESCOLHA DAS LITERATURAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação formal se inicia com o fim do regime de Capitânicas Hereditárias no Brasil, e então, a cada governo que surge, é encontrado problemas que se multiplicam e muitas vezes as concepções de ensino, leitura e literatura que insistem em permanecer. De acordo com a evolução da educação, é criada uma relação entre a literatura produzida para crianças/jovens e a sociedade, sendo claramente percebida nas alterações provocadas nos textos, principalmente dos que foram produzidos após a promulgação da Lei nº. 9.394 em 20 de dezembro de 1996.

A partir da inserção dos temas transversais por meio dos PCN's, gerou uma grande produção de textos literários para crianças envolvendo assuntos como ética, pluralidade cultural e diversidade, que são abordadas de maneira que traga para a criança e os jovens a discussão de assuntos relacionados ao momento social-político e cultural. A literatura para crianças, hoje, guarda características primordiais da arte, portanto, olhar a sociedade e devolver a essa sociedade uma matéria passível de discussão e mudança.

A sociedade segue numa ininterrupta discussão sobre quais são os “fazer” apropriados à infância, quais são os textos devem ser lidos por ela, em última observação, a sociedade procura consecutivamente moldar o universo infantil. Verifica-se atualmente, que as crianças continuam entrando em contato com os mesmos textos que os adultos, como acontecia anteriormente ao surgimento da pedagogia e à criação do universo infantil, só que com uma gritante diferença.

A diferença é que hoje existe um conhecimento mais amplo das etapas de desenvolvimento da criança e um respeito às competências que cada uma dessas etapas comporta. Com tudo isso, é necessário que o docente utilize textos que criem de formas efetivas, diversos diálogos com a sociedade que em que o aluno vive e muitas vezes participa ativamente.

Para se aprofundar mais no contexto educacional, se faz necessário refletir sobre a necessidade dos livros didáticos na educação, pois, é notório problemas e como a padronização do ensino, ignorando os contextos sociais e históricos de vida. E quando se segue fielmente os objetivos, o mediador não permite que seus alunos despertem seu interesse próprio.

O livro/material didático, é um material de suma importância, pois com ele vem provas das circunstâncias em que o ensino de certo lugar e período se

desenrolaram. Faz-se necessário dizer que o livro didático pode ser usado como amostra dos interesses políticos e ideológicos de uma nação. Desse modo, o livro didático é uma forma de ter a memória impressa.

Para se ter uma boa escolha dos livros didáticos e paradidáticos, se faz necessário o conhecimento do guia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Se tornando tarefa dos professores e a equipe pedagógica da escola, para analisar as informações contidas no guia, podendo escolher de forma adequada, os livros para o uso escolar. Livros estes que devem respeitar o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, o professor e ao aluno.

O Programa do Livro Didático teve sua criação em 1929, juntamente com o Instituto Nacional do Livro (INL), para atestar e fortalecer a qualidade e aumento da distribuição do material didático. O governo federal, em 1985, passou a preservar no Ministério de Educação, o PNLD, do qual o dever financeiro está encarregado ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), se tornando nas últimas décadas, o maior comprador de livros do mundo.

A dúvida de que o livro didático, paradidático e literários são ferramentas necessárias para a formação do aluno, se dissiparam, pois é na prática da leitura que se forma o leitor/escritor. Com isso, o FNDE faz distribuições anuais as coleções literárias, e dando prioridade para certa faixa etária do ambiente escolar. Mesmo que a aquisição e distribuição dos livros didáticos e paradidáticos tenha evoluído, para que a estabilização dessa ação continue funcionando, se faz necessário que as editoras ou autores, governo e professores/aluno, prossigam juntos para conquistar o mesmo objetivo, o aprendizado do aluno.

A partir do momento da concepção do livro didático pelos autores, passando pela finalização das editoras, da escolha e aquisições feitas pelas escolas ou outras unidades e pelo FNDE, até seu encontro às salas de aula, com os professores e alunos, tendo em seus pensamentos, o porquê dos livros didáticos, quais as funções, e como será seu desenvolvimento como ferramenta precisa e eficaz na busca de uma educação de qualidade. Nesse aspecto, torna-se importante, ter preocupação ao dividir quais livros didáticos as crianças irão utilizar, pois nenhuma obra é pura, sempre tem pesos da visão do mundo do autor, e para não os inserir na ideia de mundo dos outros, é necessária uma exigência crítica.

As reformas curriculares visam selecionar os saberes produzidos no globo da produção, tendo como princípio, o oferecimento e legitimação do que pode ser dito e

ofertado na forma de compartilhamento do saber. Visto que apesar de ser enorme a precariedade educacional, a mesma conseguiu crescimento significativo nas produções didáticas para a educação.

Entretanto, dão foco, mais uma vez, para determinados conteúdos voltados para as estratégias do ensino, se resumindo em o que se ensina e como se ensina. Colocam como importante o que o aluno tem que assimilar, esquecendo que a criança já vem com bagagem, trazendo consigo seu conhecimento do mundo, sua cultura. E é dever do mediador fazer uma ligação destes dois conhecimentos.

O ambiente da sala de aula, o número excessivo de alunos por turma, a quantidade de classes assumidas pelos professores e os controles administrativos assumidos no espaço escolar contribuem para a escolha de práticas educacionais que se adaptem à diversidade de situações enfrentadas pelos docentes. Geralmente, isso significa a adoção ou aceitação de um livro, um manual ou uma apostila, como únicos materiais didáticos utilizados para o ensino (BRASIL, 1998, p. 79).

Tudo isso, são problemas que se vivencia todos os dias, que contribuem para a adaptação das práticas educacionais às diversas situações que os docentes enfrentam. Utilizam os livros como uma fuga do real, se firmando neste único guia/material didático destinado ao ensino. O professor deve refletir sobre a aquisição de posições diferentes, referentes as suas atitudes, para reconstrução reflexiva de seus conhecimentos e suas práticas pedagógicas.

A democratização do ensino que tem seu aumento com o número de alunos que traz o crescimento do mercado do livro didático, dando impacto na produção de diversas obras, e consequentemente uma competição.

O espaço escolar está associado intrinsecamente à construção do livro didático considerando que a escola é, fundamentalmente, uma instituição contraditória onde dominação e conflitos convivem no cotidiano de alunos e professores desde sua criação pelo Estado Nacional (BITTENCOURT, 2011, p. 16).

O autor cita ainda que, o livro didático é um veículo portador de um sistema composto por valores, cultura e ideologias, se tornando um mecanismo escolar, na asseguuração de posse dos conhecimentos, dados como indispensáveis.

Seguindo a história dos livros, não se pode esquecer de falar acerca da biblioteca escolar, que, sem dúvida, pode ser considerada como uma “estação de conhecimento”, disposta a transformar a sociedade e de contribuir para a promoção

e democratização da leitura. Quando se tem uma biblioteca, ou uma grande quantidade de livros, pode-se dizer que a melhoria e qualidade no desempenho do aluno é crescente.

Uma biblioteca se torna centro de aprendizado de um aluno, não devendo ser vista apenas como uma parte da escola, sendo um local onde alunos, professores e outras pessoas vão para adquirir mais conhecimentos, podendo desenvolver suas aptidões intelectuais, assim como a cultural e profissional.

Este espaço pedagógico ajuda no desenvolvimento dos alunos desde o início de seus estudos assim como de suas habilidades, seleção, interpretação, promovendo a interação do professor/bibliotecário/aluno para facilitar o processo do ensino e aprendizagem, desenvolvendo o respeito pelo uso do espaço comum, compreensão das informações para de forma que contribuía para o ambiente escolar.

Faz-se necessário que o responsável pela biblioteca tenha interesse pelo desenvolvimento do seu trabalho e serviços que o cercam, preocupando-se também com a qualidade do material da biblioteca, qualidade do material e na preocupação com os usuários. O local deve ser muito bem planejado, para que se tenha um bom funcionamento, analisando onde armazenam os livros, a distribuição de espaço, e outros detalhes, para quem faz uso do espaço e do acervo, se sintam confortáveis e atraídos ao lugar e ao conhecimento.

A biblioteca é imprescindível para a educação e principalmente, para o processo de desenvolvimento social e político de um país e de seu povo. Nota-se que deve ser um espaço democrático, onde pessoas, tanto estudantes e professores quanto autodidatas e técnicos, utilizam como fonte de obtenção de conhecimento e também para aumentar suas experiências intelectuais (VIDAL, 2017, p. 14).

Como a autora cita, a biblioteca é importante para o desenvolvimento da criança, pois se torna ainda um lugar de interação, mesmo que seja um momento de pouca fala. Com o acervo voltado totalmente para seu público. É necessário refletir que o uso da biblioteca escolar na educação infantil, não é só para a criança aprender a ler e a escrever, mas sim, para instigar o gosto pela leitura da mesma.

Segundo Carvalho (2008 *apud* VIDAL, 2017, p. 14), “a importância da leitura no processo educativo é inquestionável. Essa certeza une pais e professores na convicção de que ler é bom e que, portanto, a criança deve aprender a gostar de

ler”. A biblioteca é a raiz do processo de construção do conhecimento, mais especialmente para os alunos em idade escolar, deixando claro que é neste ambiente que tudo começa, que tudo acontece, onde o mundo da leitura/literatura é descoberto, através dos livros, revistas, gibis e brinquedos dentre outros materiais que são necessários no espaço bibliotecário. É considerado a base de formação do leitor em potencial, observando ainda que, a maioria das crianças, não recebem estímulo para o hábito da leitura vindo de suas famílias.

Qualquer escola, por menor que seja deve obedecer a lei nº 12.244 (24/05/2010, p. 1) que estabelece que:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País contarão com bibliotecas, nos termos desta Lei.

Art. 2º Para os fins desta Lei, considera-se biblioteca escolar a coleção de livros, materiais ideográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura.

Parágrafo único. Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares.

Art. 3º Os sistemas de ensino do País deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada num prazo máximo de dez anos, respeitada a profissão de Bibliotecário, disciplinada pelas Leis nos 4.084, de 30 de junho de 1962, e 9.674, de 25 de junho de 1998.

Seguindo a legislação, a biblioteca escolar, é definida ainda como o lugar onde se inicia a formação das crianças, lugar este que se farão diversas descobertas. Deve ser considerada uma extensão da sala de aula para se trabalhar de forma integrada e conseguir formar leitores e escritores com diversas visões de mundo. Uma escola sem este espaço, se torna imperfeita e sem incentivo à leitura, se torna um instrumento vago e sem objetivos.

Na atualidade, os estudos mostram que há diversos tipos de leitores, com maior ou menor aptidão no uso de palavreados. Desse modo, há necessidade de se buscar um texto que seja adequado a determinado leitor. Coelho (2000, p. 33) classifica os leitores em diversas fases: pré-leitor, leitor iniciante, leitor em processo, leitor fluente, leitor crítico.

a) pré-leitor: aquele indivíduo que ainda não tem a competência de decodificar a linguagem verbal escrita, ele inicia o reconhecimento da realidade que o rodeia principalmente pelos contatos afetivos e pelo tato, a imagem tendo predomínio absoluto. [...]

- b) leitor iniciante: o indivíduo começa a tomar contato com a expressão escrita da linguagem verbal; [...]
- c) leitor em processo: fase em que a criança já domina o mecanismo da leitura; [...]
- d) leitor fluente: é a fase em que se consolida o domínio dos mecanismos do ato da leitura, além de haver mais capacidade de compreensão do universo contido no livro; [...]
- e) leitor crítico: fase de total domínio do processo de leitura, pois o indivíduo já estabelece relações entre micro e macrouniversos textuais, [...]

É do conhecimento geral que a literatura encanta o público adulto de forma mais madura, fazendo com que o real e o ilusório, se misturem em qualquer idade, e como a variedade do público que a literatura infantil é diversa, nota-se que os leitores acabam se dividindo em etapas, onde se inicia com o pré-leitor. Nessa fase que o indivíduo recebe indicações de livros contendo imagens, sem texto verbal, instigando o reconhecimento através das sequencias de cenas, percebendo como o espaço, tempo e personagens desenrolam nas narrativas.

Já o leitor iniciante, consegue mais contato com as expressões de linguagem e escrita, tendo sua curiosidade sobre o mundo mais instigada, abrindo sua mente para a diversidade cultural e pelo mundo que fica evidente através dos textos. Quando o leitor está em processo, pode-se dizer que está na fase em que a criança tem domínio nos mecanismos da leitura, aumentando seu conhecimento acerca do mundo e sua organização de seus pensamentos lógicos, sendo fundamental ainda, o incentivo vindo dos adultos. Passando então, a se tornar um leitor fluente, mostrando que nessa fase, os seus domínios de leitura se tornam maiores, tendo maior capacidade para compreender o universo existente no livro.

Podendo ser finalizado o desenvolvimento do leitor quando o mesmo se torna um leitor crítico, onde o mesmo tem total domínio do seu processo de leitura, estabelecendo relações entre os diversos universos textuais, quer seja eles pequenos ou grandes, entendendo também, compreendendo seus significados ocultos nas obras, desenvolvendo inclusive, seus pensamentos críticos e reflexivos acerca de todos os acontecimentos encontrados.

Observando que, segundo a etapa de amadurecimento da criança, assim como a sua inserção no universo escolar e grau de alcance da linguagem verbal escrita, há um tipo de entendimento-compreensão do texto. Diante disso, é de suma importância que o adulto/responsável pelo oferecimento de um livro para a criança deva estar atento a esses fatores, pois com isso, decidirá a forma de sua imersão no universo literário-artístico.

Existem conflitos com um grande número de professores, estes que são divididos entre as literaturas que cursaram durante os anos como discentes de licenciatura e uma variedade de lançamentos que as editoras despejam nas livrarias todos os anos.

Para suprir a necessidade de professores que contém condições reais a respeito de elementos teórico-práticos, deve-se exercer uma política educacional que os realmente encaixem no patamar de grandes objetivos, utilizando a formação continuada para isto. Desse modo, os docentes estarão aptos para uma melhor avaliação ou escolhas de obras e instrumentos que possam ser adequados para as novas gerações. É importante atentar para a literatura e suas teorias tradicionais, pois não dispõem de instrumentos para essas leituras, ou rotulam de “literatura de menor valor” baseada no público que ainda é atraído pela mesma.

Nesse aspecto, as histórias ou contos de fadas narrados, acompanham a vida do homem a tempos perante a sociedade, e é por meio delas que se fez possível a preservação da cultura, sendo por muito tempo, a única fonte para adquirir e transmitir conhecimento. A narrativa é uma arte de como contar as histórias, e a mesma é tão antiga quanto o homem, como já falado, usada para estimular a imaginação da criança/pessoa, fazendo relatos de diversos lugares, pessoas, acontecimentos, sonhos e desenhos, contribuindo para o favorecimento do processo de aprendizagem.

Nesse contexto, pode-se sugerir algumas obras literárias infantis que possam ser usadas como recurso em sala de aula, tais como: Chapeuzinho Vermelho, A bela Adormecida, A gata Borralheira, Branca de Neve, Rapunzel, João e Maria (Irmãos Grimm), e outros textos para o público infantil.

Todos já ouviram a história da *Chapeuzinho Vermelho*, nos mostrando uma menininha doce, que estava ao encontro de sua avó doente, precisando atravessar a uma floresta perigosa. Encontrou em seu caminho, um feroz lobo mau, questionando acerca de seu destino, ele, mal intencionado, oferece um atalho para a garota, que na verdade se torna o caminho mais longo, fazendo com que ele chegasse primeiro ao local, devora sua avó e veste as roupas da mesma aguardando chapeuzinho, onde ao final, um destemido lenhador salva a pequena. Quando analisamos a história, podemos notar que, moralmente, retrata os cuidados que nossos pais têm conosco, como, não confiar em estranhos, não revelar informações pessoais a desconhecidos, não baixar a guarda e sempre obedecer a

nossos pais. Mostra também, aos nossos pais, que, por mais que confiemos em tais situações, por mais seguro que se possa parecer, nunca se deve descuidar da criança, o perigo a ronda constantemente.

A *bela adormecida*, retrata a história de uma bela moça, muito inteligente e princesa, que fora enfeitiçada em seu batizado. Isso pelo fato de os pais esquecerem de convidar uma das fadas, e em espírito de se vingar, a mesma lançou um feitiço na criança, dizendo que quando a mesma completasse certa idade, espetaria o dedo em uma roca e morreria, porém uma das fadas, conseguiu contornar a situação, para que a princesa apenas adormecesse em um sono profundo, despertando apenas com o beijo do amor verdadeiro. Nesta história, é notório que, apesar de todos os cuidados que se tem com a criança/adolescente, acontece alguma coisa por leve descuido, enfatizando que o dizer popular “todo cuidado é pouco”, e também que o que parece mais atraente naquele momento, não quer dizer que é o certo a se fazer. Abordando também a inveja, afinal de contas, a fada fica enciumada por não ser convidada ao batizado, e faz mal a todos por conta de sua vingança. E no fim, nos mostra que, o amor, não vem exatamente de nossa família, as vezes pode ter alguém que nos ame mais, ou de forma mais pura e verdadeira, nos fazendo pensar em diversas morais dadas como individuais.

No conto da *Gata Borralheira*, conhecido também como “Cinderela”, conta a história de uma menina que perdera a mãe muito cedo, seu pai casou-se com outra mulher, que o acabara envenenando, chegando à morte, resultando em sua madrasta criando a gata borralheira com suas duas meias irmãs terríveis. Sua madrasta a fez de empregada, gastou quase toda a herança que seu pai lhe deixara, e a proibia de sair de casa. Até que um dia, a mesma vai a um baile real, com a ajuda de sua fada madrinha, conquista o coração do príncipe, perde seu sapatinho de cristal, e dá início a saga do príncipe para encontrar a sua princesa. A madrasta tendo sabido da verdade, a tranca no quarto e usa suas filhas para enganar o jovem príncipe. Mas, a mesma não conseguiu. A gata borralheira conseguiu se libertar com a ajuda de pequenos animais, e contou-lhes toda a verdade, tendo o seu feliz para sempre com o novo rei. Essa história, nos mostra que a heroína sofreu bastante, porém, conseguiu sua vitória. Nos mostra ainda a inveja e a rivalidade entre as irmãs, coisa bastante conhecida na maioria dos nossos lares, que seja por irmão de sangue, ou não, ou entre primos e amigos. Em alguns casos, a criança pode se ver

no lugar da gata borralheira colocando sua própria mãe como a madrasta, sentindo que ela prefere seus irmãos que a ele.

Na história da *Branca de Neve*, notamos que a mesma, acabou por ser criada pela madrasta, depois de ter perdido seus pais em anos diferentes. A mesma tinha ciúmes da menina por ser a mais bela do reino, segundo o seu espelho mágico. Até que um dia, a rainha má, manda o caçador matá-la na floresta e levar-lhe seu coração, no qual ele não conseguiu fazer isso e a branca de neve foi morar com os sete anões, descobrindo isso, a rainha má se transformou em uma senhora com uma cesta de maçãs, para mais uma vez tentar matá-la. Na qual oferece uma maçã envenenada para a princesa, e a mesma adormece até receber o beijo de um príncipe apaixonado por ela, e então, tiveram o seu felizes para sempre. Se pode tirar como moral, o cuidado com a inveja e o excesso de vaidade, se tornando um perigo para todos, assim como a vingança não chega a lugar nenhum. Sempre enfatizando que devemos ajudar ao próximo.

Com isso, evidencia-se em cada conto uma história repleta de magia, confusão e problemas que nos cercam, sendo de extrema importância, no processo de ensino de aprendizagem e desenvolvimento da criança em sua infância. Favorecendo a socialização e o desenvolvimento das habilidades das crianças, dando a chance de a criança utilizar seu inconsciente.

Entende-se, portanto que, a força da criação e a sabedoria oculta nos contos de fadas constroem um rico conhecimento de conteúdo, podendo favorecer para as crianças em sala de aula um vasto conhecimento, para que possam aprender e encontrar um caminho para a sua realização pessoal e social. Proporcionam ainda a descoberta de novos leitores infantis, realizando a arte de ler, e uma leitura com prazer, mostrando que os contos de fadas apresentam em seu mundo fantasioso, diversos conhecimentos.

3 OS CONTOS DE FADAS COMO RECURSOS METODOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OLHARES DOS DOCENTES DO CMEI ABC, DISTRITO DE MORAES ALMEIDA, ITAITUBA-PA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho resultou em uma pesquisa qualitativa exploratória desenvolvida no CMEI ABC, no Distrito de Moraes de Almeida- Itaituba/PA, a fim de analisar os desafios da compreensão e reconhecimento da importância dos contos de fadas como recurso metodológico na educação infantil, por meio dos olhares dos docentes do referido Centro. Para tanto, se fez necessária uma pesquisa bibliográfica, com autores específicos como: Coelho (2000, 2010), Brasil (1998), Frantz (2011), Bettelheim (2002), Cavalcanti (2009), Cademartori (2007), Souza (2016), Traça (1998), dentre outros que fundamentaram o trabalho.

Voltando à pesquisa de campo, a mesma ocorreu por meio de um questionário, como forma de ouvir individualmente os professores que trabalham no Ensino Infantil do Centro, identificando se os docentes da instituição fazem o uso da literatura infantil em suas práticas pedagógicas, e fazendo a verificação dos Contos como meio na formação de valores para a criança no início de seus anos educacionais.

O questionário, segundo Gil (2008, p.128) pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas e situações”. Desse modo, faz-se necessário o uso de questionário em pesquisas, pois, além de ser um conjunto de questões elaboradas acerca do tema, é o meio para conseguir os objetivos da pesquisa atendendo as suas necessidades.

É imprescindível a análise e coleta de dados das respostas dos entrevistados, instigando seu ponto de vista e a realidade educacional vivida. Foram entrevistados 10 docentes do Centro Infantil, com a identificação de sua formação, tempo de serviço na educação, e experiência na educação infantil, para melhor compreensão dos desafios e soluções do uso dos contos de fadas como recurso metodológico na educação infantil, conforme mostrado no quadro 1.

Quadro 1. Perfil dos entrevistados.

Entrev.	Formação	Tempo na educação	Tempo de trabalho na EI
P ₁	Estudante de Pedagogia	02	02
P ₂	Licenciada Plena em Pedagogia	23	03
P ₃	Licenciada Plena em Pedagogia e Esp. em Educação Infantil e séries Iniciais	08	08
P ₄	Licenciada Plena em Pedagogia e Especialista em Educação Infantil e em Gestão, Orientação e Supervisão	11	03
P ₅	Licenciada Plena em Pedagogia	01	01
P ₆	Licenciada Plena em Pedagogia e Esp. em Orientação e Supervisão	22	03
P ₇	Estudante de Pedagogia	01	01
P ₈	Licenciada Plena em Pedagogia	03	01
P ₉	Licenciada Plena em Pedagogia	03	03
P ₁₀	Estudante de Pedagogia	03	02

Fonte: Professores do CMEI ABC, distrito de Moraes Almeida, Itaituba-PA (2019).

Na formação inicial do professor, é notório que o mesmo não carrega consigo todos os saberes essenciais para atender todas as necessidades de uma sala de aula, visto que esta muda de acordo com a realidade vivida pelos alunos. Em harmonia com isso, se torna fundamental a análise de suas práticas pedagógicas e aperfeiçoamento da mesma e de seus conhecimentos de forma contínua, reaprendendo e renovando suas práticas diárias, procurando sair do comodismo de uma prática constante e imodificável.

De acordo com o quadro acima, observamos que o tempo de serviço dos docentes na educação infantil varia de 01 a 08 anos. Distingue-se que 03 dos profissionais estão ingressando em sala de aula com menos experiências, pelo fato de ainda estarem como estudantes de Pedagogia, enquanto 04 dos profissionais são graduados em Pedagogia contendo um pouco mais de experiência no ramo educacional e 03 graduados em Pedagogia com especialização, o que favorece a contribuição com suas experiências em sala.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

O Centro Municipal de Educação Infantil ABC, está localizada na Rua 04 D, s/n, no Distrito de Moraes de Almeida-Itaituba/Pará, CEP 68189-970. Tudo começou quando a E.M.E.F Cesar Almeida, ganhou um terreno da comunidade, e juntamente com a mesma e os pais dos alunos, construíram a escola neste mesmo endereço,

por volta de 2001, para que os alunos e professores tivessem um local próprio para estudarem, e não continuarem dependendo das casas grandes de alguns pais ou vilas, fazendo o uso balcões para dividir o espaço, funcionando apenas o ensino fundamental.

Em 2013, seguindo a necessidade de uma escola para as crianças de 3 a 5 anos, o prédio foi cedido para a criação do Centro ABC, nome este que foi escolhido através de votação com os pais dos alunos e funcionários do centro. Por volta de 2017, o referido Centro passou a entrar nos eixos da educação de forma mais legalizada, conquistando a criação da Associação de Pais e Mestres e seu CNPJ.

Atualmente, o Centro atende alunos residentes e das proximidades, contando com cerca e 390 alunos, divididos em 20 turmas do maternal ao jardim II. A mesma fornece alimentação escolar de qualidade para os alunos, água tratada de poço artesiano, energia da rede pública, lixo destinado à coleta frequente, acesso à internet. Dispõe de alguns materiais de auxílio escolar, tais como TV, aparelho de DVD, copiadora/impressora, aparelhos de som e data show.

O CMEI ABC visa por uma educação de qualidade, enfrentando os desafios da educação básica, garantindo às crianças a garantia de um ambiente escolar social e saudável, proporcionando condições indispensáveis para que os educandos em fase de formação ampliem seus horizontes, trabalhando e desenvolvendo suas capacidades e habilidades, assim como a expressão de seus interesses, os tornando cidadãos aptos para participar de forma ativa e produtiva nos processos que envolvem a vida em sociedade

O mesmo consta ainda em sua estrutura, 27 funcionários distribuídos em diversas categorias, 11 salas de aulas (15 docentes), onde todas são utilizadas, diretoria, sala dos professores, secretaria, dispensa, almoxarifado, cozinha, horta, banheiros masculinos e femininos, banheiro com chuveiro, espaço para as refeições, espaço de areia, barraca da leitura e parquinho para recreação.

3.3 OLHARES DOS DOCENTES

Fez-se necessário uma investigação através de um questionário com os referidos docentes do Centro ABC, para mostrar como anda a utilização dos contos de fadas como recurso metodológico na Educação Infantil, os quais responderam

com conhecimentos adquiridos devido suas experiências. As respostas da pesquisa estão exibidas através de quadros, para se ter melhor entendimento.

Desse modo, inicialmente a pergunta do questionário ressaltou: **Qual a importância da Literatura Infantil? Que livros da literatura infantil você lembra de ter lido quando criança?** No quadro 2 encontra-se os relatos dos colaboradores dessa pesquisa.

Quadro 2 - Importância da Literatura.

Prof.	Relato dos professores
P ₁	<i>“É importante, pois incentiva a criança a leitura, onde na vida adulta irá ter gosto pela leitura. Um dos livros [...] era o da Chapeuzinho Vermelho.”</i>
P ₂	<i>“Ela nos possibilita a uma construção de conhecimento e desenvolvimento intelectual, social, emocional, afetivo e cognitivo do ser humano. [...] Os livros que já li e leio para meus filhos: Sítio do Pica-Pau amarelo, O Pequeno Príncipe, O meu pé de Laranja Lima, Boi Fernandinho.”</i>
P ₃	<i>“Ajuda a desenvolver o raciocínio da criança, contribui na oralidade. Livro: Chapeuzinho Vermelho.”</i>
P ₄	<i>“A literatura Infantil é um motivo que move a criança a momentos prazerosos, ao mesmo tempo proporciona a ela, sentimentos, imaginação [...]. Livros: Chapeuzinho Vermelho, O patinho Feio, Branca de Neve, Cinderela, João e o pé de feijão.”</i>
P ₅	<i>“A literatura infantil proporciona a criança um desenvolvimento emocional, sendo que a leitura se faz presente desde o nascimento, pois nossos pais sempre contaram histórias de Monteiro Lobato.”</i>
P ₆	<i>“Não tem explicação o tamanho da importância da Literatura Infantil na vida das crianças na educação infantil, primordial, pois desenvolve cultura literária infantil. A bela e a fera [...]. é importante para trabalhar sentimentos, aparência, etc...”</i>
P ₇	<i>“A literatura infantil é um caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação, emoção e sentimentos de forma prazerosa e significativa, os três porquinhos, branca de neve, entre outros.”</i>
P ₈	<i>“A literatura infantil além de abrir um grande leque para o conhecimento da criança como também desenvolve e estimula o saber. Na infância para a vida deixa marcado: Chapeuzinho Vermelho, Patinho feio, Branca de neve, Saci, João e o pé de Feijão.”</i>
P ₉	<i>“É importante para o desenvolvimento da criança, pois trabalha a emoção, aumenta a imaginação e desenvolve sua criatividade e seu senso crítico. Me lembro de chapeuzinho vermelho, cinderela, a princesa e a ervilha, branca de neve, etc.”</i>
P ₁₀	<i>“A importância é além de estimular o hábito da leitura, é essencial para que eles tenham uma formação sólida, a literatura infantil infantil juvenil contribui positivamente para o desenvolvimento do cognitivo e emocional dos pequenos [...] Menino maluquinho, Pinóquio, Sítio do Pica-pau amarelo.”</i>

Fonte: Professores do CMEI ABC, distrito de Moraes Almeida, Itaituba-PA (2019).

De acordo com as respostas dos entrevistados, nota-se que, apesar das opiniões acerca da vida serem diferentes, e cada um tem seu olhar a respeito da literatura infantil. Todos os docentes mostram que estão cientes da importância da literatura infantil na educação de seus alunos. E sabendo desta necessidade e o fato de ser primordial, as crianças e o seu aprendizado, observam que, além de instigar o

ato da leitura e ajudar a desenvolver a curiosidade da criança, a mesma obtém desenvolvimento no âmbito social e afetivo. Também proporciona a abertura

[...] para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação do seu próprio estilo (COELHO, 2000, p. 05).

A autora afirma que, o ato de ouvir as histórias/contos, é fundamental para o desenvolvimento da criança. Esse momento de leitura não deve ser usado apenas para distração, pois devemos estimular o leitor da criança, ainda mais nos seus anos iniciais da educação básica. Nesse momento, o docente oferece aos alunos oportunidades de ter e manter contato com a literatura, e estas se tornam jovens e adultos apreciadores da leitura. Estimulando junto à leitura, sua oralidade, atenção, vocabulário e interpretação.

Depois de obter a certeza do conhecimento e a importância da literatura infantil para cada docente, tornou-se relevante o segundo questionamento para saber se **enquanto professor na Educação Infantil, o docente acredita que a literatura infantil (contos de fadas) contribui na formação da criança**. As respostas estão sendo relatadas no quadro 3, para que possam ser analisadas.

Quadro 3 - Contribuição dos contos de fadas na formação da criança.

Prof.	Relato dos professores
P ₁	<i>“Sim, os contos de fadas são de grande importância, pois contribui muito na formação das crianças. [...]”</i>
P ₂	<i>“Sim, uma vez que percebo o quanto ela envolve e absorve a atenção da criança fazendo assim a mesma a criar, imaginar e formar seus próprios conceitos, [...]”</i>
P ₃	<i>“Sim, mas desde que o professor ou quem for contar explique e dialogue com as crianças, mostrando os benefícios e os malefícios, para que fique claro para a criança.”</i>
P ₄	<i>“Sim, pois quando a literatura é valorizada e trabalhada na educação infantil, torna a criança em uma pessoa com hábito de ler, assim contribuindo para o seu social no futuro e ao mesmo tempo cresce com prazer pela leitura.”</i>
P ₅	<i>“Sim, pois através das histórias, elas aprendem a ler, a ouvir a leitura ou relatos das histórias às crianças, mesmo caladas, participam ativamente do contexto.”</i>
P ₆	<i>“Sim, plenamente, desenvolve comunicação e expressão, garantindo uma relação mais afetiva entre professores e aluno.”</i>
P ₇	<i>“Sim! Contribui para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança.”</i>
P ₈	<i>“Sim! Pois a leitura desperta a imaginação da criança contribuindo no desenvolvimento, no emocional e deixa muito confiante sobre a sua vida. O gostar pela leitura leva a vida bem mais prazerosa.”</i>
P ₉	<i>“Sim. Pois de uma certa forma educa e instrui a criança do certo ou errado.”</i>
P ₁₀	<i>“Sim, acredito que por meio das histórias que eles têm oportunidade de ter um</i>

<i>primeiro contato com novas culturas, e lida com situações e ponto de vista e aprendem a expressar melhor suas próprias emoções e ideias.”</i>
--

Fonte: Professores do CMEI ABC, distrito de Moraes Almeida, Itaituba-PA (2019).

Compreendendo as opiniões dos docentes, observa-se que todos estão de acordo quando o assunto é saber de forma positiva que a literatura infantil (contos de fadas) contribui grandemente na formação das crianças. Entendem que, os Contos ajudam os pequenos na criação, imaginação, formação de seus próprios conceitos, desenvolvendo o hábito da leitura, além de abrir possibilidades para a descoberta de novas culturas, aprendendo a lidar com seus medos e diversas situações da vida.

Vale ressaltar que, todo o conhecimento repassado, como o P6 relata, ainda desenvolve a comunicação e expressão, dando garantia para uma relação afetiva entre o professor e o aluno.

Ouvir histórias é muito importante na formação de qualquer criança, é o início de uma aprendizagem para ser um leitor e, tornar-se um leitor é começar a compreender e interpretar o mundo. Por isso precisamos ler histórias para as crianças, sempre, sempre (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

De acordo com a autora, é possível considerar que os momentos de contato da criança com a literatura têm extrema importância, analisando a formação dos leitores, tendo no ato de ler, um processo de aprendizado, conhecimento, construção de novos significados. Ler cria condições para o seu desenvolvimento intelectual e a construção de seus princípios pessoais, de modo que desperte a criança para diversas relações acerca de seus sentimentos e sua visão de mundo.

Continuando a pesquisa, após a abordagem sobre a importância da Literatura na educação infantil, se fez a seguinte a terceira pergunta: **Os contos de fadas estão presentes no seu planejamento pedagógico? De que forma? Ou são contados para diversão nos momentos de lazer?** No qual, seus relatos serão apresentados no quadro 4.

Quadro 4 - Contos de fadas presentes no planejamento pedagógico.

Prof.	Relato dos professores
P ₁	<i>“Sim, contando história baseado nos conteúdos trabalhados durante a semana”.</i>
P ₂	<i>“Procuro usá-los em meus planejamentos como projetos sendo abordados os maiores números possíveis de subtema que possa extrair. [...]”.</i>
P ₃	<i>“Sim, são contados uma vez na semana, sempre no dia da recreação, mas quando surge a história no dia – a – dia sempre é contada pelos alunos”.</i>

P ₄	<i>"Sim, de forma que todos os anos letivos a sala de aula tem um lugar destinado ao cantinho da leitura, e uma vez por semana conto história para as crianças no parquinho da escola em horário de diversão".</i>
P ₅	<i>"Sim. Na forma de momentos próprios para as leituras às crianças, para incentivar e estimular a criatividade e imaginação delas".</i>
P ₆	<i>"Sim, contando e recontando histórias, desenvolver a interpretação e oralidade, até levar a imaginação desenvolvida".</i>
P ₇	<i>"Sim. Trabalho fazendo leitura duas vezes por semana, além dos momentos de lazer".</i>
P ₈	<i>"Sim! Em forma lúdica para ensinar e explorar o desenvolvimento e o desempenho da imaginação de forma bem mais divertida em que a criança possa ter o gosto pela leitura".</i>
P ₉	<i>"Sim, pois incentiva o contato com os livros, o proporciona conversas, desenvolve o senso crítico e emocional da criança".</i>
P ₁₀	<i>"Sim, histórias lidas ou contadas pelo professor, de forma interativa, interpretando-as".</i>

Fonte: Professores do CMEI ABC, distrito de Moraes Almeida, Itaituba-PA (2019).

Após uma análise, observa-se que todos os docentes afirmam contemplar os Contos de fadas em seu planejamento escolar, sendo utilizados das mais diversas formas, como por exemplo, histórias para fixar o que se foi trabalhado no decorrer da semana. Entretanto, três dos professores entrevistados declararam que utilizam os contos apenas como diversão, para momentos de lazer. Enquanto outros utilizam os contos de fadas para o desenvolvimento da imaginação das crianças, da compreensão, interpretação e oralidade dos mesmos, de forma criativa e divertida através de conversas para estimular o senso crítico e emocional dos mesmos.

Ter acesso à boa leitura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige do professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças (BRASIL, 1998, p.143).

Sendo assim, é visto que a literatura se torna um dos métodos utilizados na prática pedagógica, pelo fato de contribuir como acréscimo de cultura, procurando intencionalmente instigar enquanto os alunos estão no início de sua fase escolar, seus desejos pela leitura, pela descoberta de mundos. Desse modo, cabe ao professor trabalhar em ambientes aceitáveis para estes momentos.

Entendendo que a leitura dos Contos como um recurso que instrui, diverte e trabalha na ampliação do universo cultural da criança leitora ou ouvinte, perguntou-se na quarta questão: **Qual tempo você reserva para trabalhar a leitura dos contos de fadas com sua turma?** O gráfico 1 traz os resultados das respostas dos

docentes, em que a maioria (50%) declara utilizar 1 a 2 vezes por semana o recurso dos Contos de Fadas durante as aulas na educação infantil.

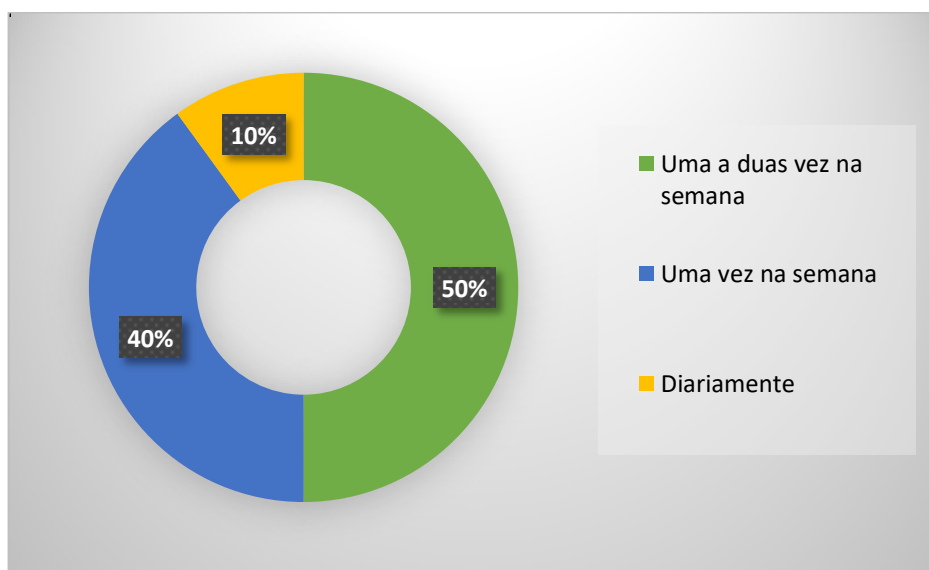


Gráfico 1- Tempo reservado para leitura dos contos de fadas com a turma. Fonte: Professores do CMEI ABC, distrito de Moraes Almeida, Itaituba-PA (2019).

Também 40% respondeu que colocam em prática apenas uma vez por semana, e apenas 10% dos entrevistados faz o uso da Literatura diariamente com as crianças. Pode-se entender que, independente da frequência de uso dos Contos de Fadas, seja por meio de leitura ou outras formas alternativas, os docentes do Centro Infantil pesquisado dão a devida importância para os gêneros literários infantis. Não esquecendo a preocupação dos profissionais da educação na tentativa de incentivar e estimular nos momentos de leitura, as atividades que possam ser desenvolvidas no ambiente escolar.

Através da leitura, a criança faz a absorção de informações e por meio delas, adquirem a habilidade de ver coisas com significados novos, perspectivas novas, mesmo que em um curto período de tempo para a leitura. Com isso, Cavalcanti (2009, p. 31), destaca que “a criança, iniciada no mundo da leitura, é alguém que pode ampliar sua visão do outro, que pode adentrar no universo do símbolo, construir, para si, uma realidade mais carregada de sentido”.

Desta maneira, constata-se que, trabalhar com crianças é prazeroso, ao mesmo tempo se encontra certas dificuldades, uma vez que o aprendizado das crianças exige a aplicação de metodologias que estimule o aluno. Logo, a seguinte pergunta: **Que desafios se apresentam à escola para a valorização da literatura**

infantil (Contos de Fadas)? Como evidenciado no gráfico 2, a maioria (35%) dos professores declara que uma das maiores dificuldades que enfrenta é a ausência de livros de histórias, e os tipos de literaturas que existem na escola ainda são insuficientes.

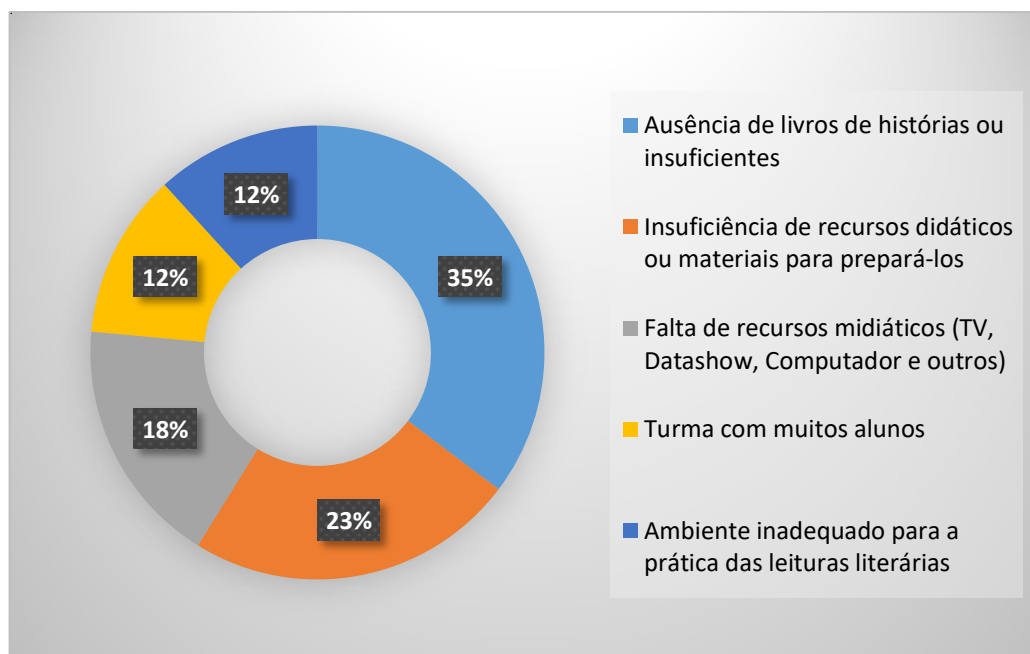


Gráfico 2 - Desafios apresentados à escola na tentativa de valorizar a literatura infantil. Fonte: Professores do CMEI ABC, distrito de Moraes Almeida, Itaituba-PA (2019).

Como averiguado acima, há diversas dificuldades encontradas pelos docentes do Centro, ficou evidente ainda a situação de insuficiência dos recursos didáticos ou materiais para prepará-los, conforme 23% dos docentes ressaltaram. Outros 18% destacaram a necessidade dos recursos midiáticos, que são essenciais para o trabalho com a Literatura. Também foi relatado situações como: turmas que contém grande quantidade de alunos (12%), e a falta de ambiente adequado para os momentos de leitura e dinâmicas com as crianças (12%).

A autora Edi Fonseca (2012, p. 101), afirma que “desde pequenas as crianças precisam ser incentivadas à leitura e colocadas em contato com ela. Um canto de leitura na sala de aula pode ser garantido, mesmo que o espaço não seja muito grande”. Deixando claro que, é necessário um canto apropriado para os momentos de leitura, com forma de incentivar a criança.

Logo, se a escola não contém uma sala específica e preparada para esse fim, pode-se organizar um cantinho na sala de aula. O pequeno espaço pode conter um acervo com pouca quantidade de material/livro infantil, um tapete e algumas

almofadas podem dar ao espaço, um toque que o torne mais atrativo, ganhando a atenção dos alunos.

E para finalizar, diante de todas as perguntas feitas aos docentes relacionadas à literatura infantil e em específico os Contos de Fadas, chegando à pergunta final que se baseia **nos contos mais utilizados pelo docente e com que objetivo foram usados em sala de aula**. No qual, seus relatos são exibidos no quadro 5.

Quadro 5 - Contos mais utilizados em sala de aula.

Literatura Infantil	Objetivos
O Pássaro de Todas as Cores	Mostrar que somos diferentes; devemos respeitar as diferenças.
O Gato Xadrez	Destacar a importância do respeito às diferenças.
Sítio do Pica-Pau Amarelo	Reconhecer seu ambiente, o convívio familiar e respeitar as diferenças.
Livro Meu Amiguinho	Advertir sobre os perigos e a escolha em agir escolhendo o que é arte.
Os Três Porquinhos	Estimular a curiosidade e criatividade; Mostrar a importância do bom trabalho; União entre os irmãos/ conhecimentos de casas; Desenvolver o hábito de ouvir com atenção; Estimular o gosto pela leitura.
Branca de Neve	Respeito; Trabalhar a imaginação na floresta; Explorar o desenvolvimento cognitivo social e emocional; Resgatar a importância e conhecer a sua origem; Não confiar em estranhos e não desobedecer aos pais; Cuidado com a inveja; Despertar o gosto pela leitura.
Chapeuzinho Vermelho	Explorar a linguagem oral e escrita; Falar dos perigos da desobediência; Estimular a criatividade, curiosidade e a linguagem oral.
O gato de Botas	Ensinar a ter coragem e honestidade.
A Bela Adormecida	Incentivar o gosto pela leitura e escrita; Mostrar que a inteligência é mais bela.
O patinho Feio	Estimular o respeito entre todos e suas diferenças; Estabelecer a importância do respeito e direito de cada um dentro e fora da sala de aula; Preparar a criança para a aprendizagem da leitura e da escrita; Trabalhar a autoestima da criança.
João e Maria	Enfrentar seus problemas/confrontos em união.
A Bela e a Fera	Refletir sobre o conceito bonito, feio, amor, respeito.
João e o Pé de Feijão	Estimular a criatividade, a curiosidade, desenvolver a oralidade; Despertar facilmente a interpretação do texto.
Cinderela	Ser bom, humilde. Ter coragem e nunca desistir dos seus sonhos.
Pinóquio	Discutir sobre a mentira e a obediência aos pais; Trabalhar a construção de valores.

Fonte: Professores do CMEI ABC, distrito de Moraes Almeida, Itaituba-PA (2019).

Neste último quadro, é exibido todos os contos utilizados pelos docentes e o objetivo de usá-los. Alguns dos contos como “O pássaro de todas as cores”, “O gato xadrez”, “Sítio do pica-pau amarelo”, “O gato de botas”, “João e Maria”, “A bela e a fera” e “Cinderela”, são utilizados por poucos docentes, porém, com objetivos surpreendentes e diferentes, como a importância de mostrar que as pessoas são diferentes e deve-se respeitá-las, assim como no ambiente familiar e suas diferenças, trabalhar com amor e dedicação, ensinando que ter coragem e honestidade é fundamental, assim como ser bom e humilde. Objetivos que trabalham como forma de desenvolver o emocional da criança e suas ligações sociais.

Da mesma maneira que os mais utilizados como “Os três porquinhos”, “Branca de Neve”, “Chapeuzinho Vermelho”, “O patinho feio”, “João e o pé de feijão”, em que os docentes utilizam para estimular a criatividade e a curiosidade, podendo desenvolver a oralidade da criança, assim como estabelecer a importância do respeito dentro e fora da sala de aula, e não menos importante, trabalhar a autoestima da criança.

O leitor ou ouvinte sente-se projetado num plano em que seus próprios anseios parecem realizar-se: os obstáculos se aplainam, o mal é castigado, o bem é premiado e a vitória dos heróis e heroínas é completa e perene... Daí o prazer interior ou a sensação de autorrealização que os contos de fadas ou contos maravilhosos transmitem (COELHO, 2010, p. 160).

Nesse sentido, vê-se que os objetivos utilizados pelos docentes e a analogia entre as invariantes do mundo literário e o mundo real, compartilham de ideias semelhantes, visto que são usados para que a criança ouvinte ou leitora se projete em outro mundo, podendo usufruir dos ensinamentos contemplados nos Contos.

Concluindo a análise, entende-se que o educador em sua visão construtiva, de forma que interaja com as crianças, aprendendo com ela, trocando sabedorias, trabalhando lado a lado com o aluno e a sua autoestima, tendo a chance de colaborar com a construção do ser individual crítico e investigador do aluno.

3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A pesquisa sobre o uso dos contos de fadas como recurso metodológico na educação infantil, realizada no CMEI ABC, no Distrito de Moraes de Almeida-

Itaituba/Pará, vindo para refletir que esta, é uma questão que precisa ser revista como metodologia, buscando todo um acompanhamento tanto da escola quando das famílias, pois a mesma não está tão presente quanto se é necessário para a contribuição para com a educação e promoção do senso crítico das crianças.

Atendendo aos resultados da pesquisa, faz-se necessário a sugestão de algumas propostas para intervir nessa situação com o propósito de contribuição para uma melhor qualidade nas questões descritas, como:

- Utilização de metodologias mais atrativas para facilitar o aprendizado das crianças;
- Elaboração e desenvolvimento de projetos literários para atração da criança ao mundo da leitura;
- Trabalhar com a ludicidade, como metodologia atrativa objetivando o fascínio da leitura e desenvolver o aprendizado;
- Inserção dos pais/responsáveis no ambiente escolar através de eventos realizados.

De acordo com essas propostas, se busca uma educação escolar e social com mais resultados, para se adequar ao aprendizado da criança, estimulando-a ao mundo da leitura, oralidade e escrita, do imaginário, do seu eu crítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo foi investigada a importância da Literatura Infantil na Educação Infantil e sua contribuição na formação de leitores/escritores e o desenvolvimento do cognitivo intelectual, emocional e social da criança, através do uso frequente da leitura no cotidiano escolar. Investigou-se também, a origem da criação da modalidade infantil, para atender a necessidade de um ambiente propício onde as crianças de três a cinco anos poderiam receber cuidados e educação. Além de conhecer a origem histórica da literatura infantil, abordou-se o envolvimento da sociedade e da família nesses desenvolvimentos, tendo melhor construção quando se tem apoio social ou familiar. Destacou-se também a importância da literatura infantil na vida das crianças, e por muitas vezes, na vida de um adulto.

Quando se fala nos contos de fadas, logo se pensa em como eles podem ser usados nas salas de aula como maneira didática, analisando a origem dos contos, onde foram originalmente escritas e como foram repassadas. Nesse estudo foi tratado que a literatura infantil se envolve no processo educacional, revela diversos benefícios para a formação da criança, promove ainda, melhorias na construção do pequeno leitor, em seu ser social e pensamentos lógicos e críticos.

Para aperfeiçoamento da educação infantil, deve-se ainda, ser feita uma pesquisa para a escolha do material/livro didático que se possa utilizar em sala com os alunos, pois objetivo único é o aprendizado e desenvolvimento da criança.

Diante dos resultados coletados da pesquisa realizada com os docentes do Centro ABC, se fez necessária a análise dos mesmos para entender de fato a importância da literatura infantil no ambiente escolar, reforçando que os contos de fadas contribuem para a formação do leitor, estimulando a curiosidade e instigando a produção de novos conhecimentos, constatou-se que para que isso se torne realidade os docentes utilizam metodologias diversificadas e muito criativas.

Também foi observado quais as dificuldades que os docentes encontram nessa tentativa de compartilhar o aprendizado com as crianças, visto que, o aprendizado não depende apenas do querer do aluno, mas sim, do incentivo na escola, na família, quais materiais são utilizados, e de que forma, se tem realmente material para tal prática, ausência de biblioteca ou local próprio à leitura, e outros empecilhos que surgem em meio a educação infantil.

Partindo-se do pressuposto de que o trabalho com literatura estimula a produção de um conhecimento, reconhece-se que esta transforme a criança em um ser atuante capaz de executar e compartilhar o conhecimento adquirido. E com isso, podem ser respondidas as questões que nortearam todo este trabalho.

Em relação aos Contos de fadas/literatura infantil de fato contribui na formação de valores para as crianças na educação infantil, conforme os docentes pesquisados, visto que utilizam a literatura para a construção de uma criança com pensamentos críticos, que possa analisar o bem e o mal, para que tome suas próprias decisões de forma sábia.

Os resultados demonstram também que os professores fazem o uso da literatura em seus planejamentos pedagógicos, pois buscam formas efetivas para utilizá-los como recurso metodológico, desde trabalhar a leitura uma vez por semana como forma de diversão, até ser trabalhada todos os dias para melhor desempenho de um leitor crítico com possibilidades de se tornar um jovem apaixonado por livros e na tentativa de ser escritor de sucesso.

Quanto aos desafios que se apresentam no cotidiano da educação infantil no que se refere à utilização de Contos de Fadas em suas aulas, os docentes pesquisados relatam que, a escola não dispõe de uma biblioteca ou sala da leitura adaptada a esse objetivo; há a insuficiência de materiais didáticos e livros infantis para instigar a leitura, a busca por conhecimento; a falta de incentivo da família; e ainda, turmas com muitos alunos, uma vez que dificulta a concentração, tornando-se mais complicado atingir o objetivo proposto.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5ª ed. São Paulo, Scipione, 1997.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o habito de leitura**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2002.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 11ª.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação básica, 2017.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei no 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Guia de livros didáticos: PNLD 2012: História**, 2011.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CADEMARTORI, Lúgia. **O que é literatura infantil**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2007. Coleção Primeiros Passos.
- CASHDAN, S. **Os sete pecados capitais nos contos de fadas: como os contos podem influenciar nossas vidas**. Rio de Janeiro: Campos, 2000.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da Literatura Infantil e Juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2009.
- CHARMEUX, Eveline. **Aprender a ler: vencendo o fracasso**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Infantil**. 7ª ed., São Paulo: Moderna, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil**. 5ª Ed. São Paulo, Manole, 2010.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. 18 ed. São Paulo: Ática, 1999.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2007.

DIAS, Maria Berenice. **Manual de Direito das Famílias**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2005.

FONSECA, Edi. **Interações: com olhos de ler. Apontamento sobre a leitura para a prática do professor de Educação Infantil**. São Paulo: Blucher, 2012, Coleção InterAções.

FORMOSINHO, Júlia Oliveira; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Apezato. **Pedagogia(s) da infância, dialogando com o passado construindo o futuro**. Porto Alegre, Artmed, 2007.

FOUCAULT, Michael. Linguagem e Literatura. In: MACHADO, Roberto. Foucault. **A filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **A literatura nas séries iniciais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnica de Pesquisa Social**. São Paulo: Ed. ATLAS S.A, 2008

KISHIMOTO, Tizuko M. **A pré-escola em São Paulo (1877 a 1940)**. São Paulo: Loyola, 1988.

KUHLMANN, Moysés Jr. Educando a infância brasileira. In: LOPES, Eliane M. Teixeira; FILHO, Luciano M. de Faria; VEIGA, Cynthia Greive. (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da Leitura para a leitura de mundo**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2008.

MACHADO, Irene A. **Literatura e redação**. São Paulo: Scipione, 1994.

PARO, Vitor Henrique. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais**. 2ª ed. São Paulo: Xamã, 2007.

RIBEIRO, Andressa Perini. **Implicações do livro didático na educação infantil: uma análise a partir da experiência docente em escola privada no rio de janeiro**, Trabalho de Conclusão de Curso, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

RODRIGUES, Ana P. Soares; CÂMARA, Iraneide T. da. **A Literatura Infantil e o Desenvolvimento Cognitivo na Infância**. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdades Integradas PROMOVE de Brasília e do Instituto Superior de Educação ICESP. 2013.

RODRIGUES, Cássia Regina Machado. **A Influência da Família no Hábito da Leitura**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Pará, Faculdade de Biblioteconomia, Belém, 2016.

SANDRONI, Laura; MACHADO, Luiz Raul. **A criança e o livro**: Guia prático de estímulo à leitura. 4 eds. São Paulo: Ática, 1998.

SILVA, Vítor M. de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. 8ª Ed. Coimbra, Almedina, 2007.

SOUZA, Damaris Leme de. **Literatura Infantil: origens e contribuições na Educação Infantil**. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016.

TEDESCO, João Carlos. **O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna**. São Paulo: Ática, 2002.

TRAÇA. Maria Emília. **O Fio da Memória: do conto popular ao conto para crianças**. Porto. Editora porto (coleção o mundo de saberes), 1998.

VASCONCELOS, Maria Luiza Batista Bretas. **Livro didático: responsabilidades e consequências**. Biblioteca escolar: um espaço dinâmico. Goiânia: SEDUC, 2009.

VIDAL, Gleice Kelli Brito. **A Importância das Bibliotecas nas Escolas de Educação Infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Pará, Faculdade de Biblioteconomia. Belém, 2017.

VIEIRA, Isabel Maria de Carvalho. **O papel dos contos de fadas na construção do imaginário infantil**. Revista criança - do professor de educação infantil, Brasília, 2005.

VIGOTSKI, LEV S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Editora Ática, 2009.

WELTER, Belmiro Pedro (coord.) **Direitos Fundamentais do Direito de Família**. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, Porto Alegre, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil na escola**. São Paulo: Editora Global, 2003.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

FACULDADE DE ITAITUBA

ACADÊMICA: JÚLIA NAYARA DE SOUSA ARAÚJO

Monografia: **CONTOS DE FADAS COMO RECURSO METODOLÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Olhares dos docentes do CMEI ABC, distrito de Moraes Almeida, Itaituba-PA.**

Prezado (a) professor (a), com o objetivo de realizar um estudo (monografia de graduação) para identificar a influência dos Contos de Fadas na formação da criança, solicitamos sua opinião com sinceridade às questões abaixo. Agradecemos a atenção dispensada!

I. Identificação:

Nível de formação: _____

Tempo de trabalho na educação: _____ anos.

Tempo de atuação na educação infantil: _____ anos.

II. Questões da prática:

1. Qual a importância da Literatura Infantil para você? Que livros da literatura infantil você lembra de ter lido quando criança?

2. Enquanto professor da educação infantil, você acredita que a literatura infantil (Conto de Fadas) contribui na formação da criança?

3. Os Contos de Fadas estão presente no seu planejamento pedagógico? De que forma? Ou são contados para diversão nos momentos de lazer?

4. Qual tempo você reserva para trabalhar a leitura de Contos de Fadas com sua turma?

() Todos os dias

() 1 a 2 vezes na semana

() 1 vez por semana

() 1 vez ao mês

() Raramente

() Outro: _____

5. Que desafios se apresentam à escola para a valorização da literatura infantil (Conto de Fadas)?

() Ausência de livros de histórias ou insuficientes.

() Insuficiência de recursos didáticos ou materiais para prepará-los.

() Pouco tempo disponível, pois temos outros conteúdos para trabalhar.

() Turma com muitos alunos.

() Falta de recursos midiáticos (TV, Datashow, Computador, e outros)

() Outras: _____

6. Quais os Contos mais utilizados por você e com que objetivos?

Literatura Infantil	Objetivos

Agradecemos a participação nesta pesquisa!

APÊNDICE B – REGISTROS FOTOGRÁFICOS DO LOCAL DA PESQUISA



Frente do Centro ABC



Prédio antigo do Centro ABC



Prédio novo do Centro ABC



Espaço para recreação



Horta do Centro



Parquinho



Crianças no campo de areia



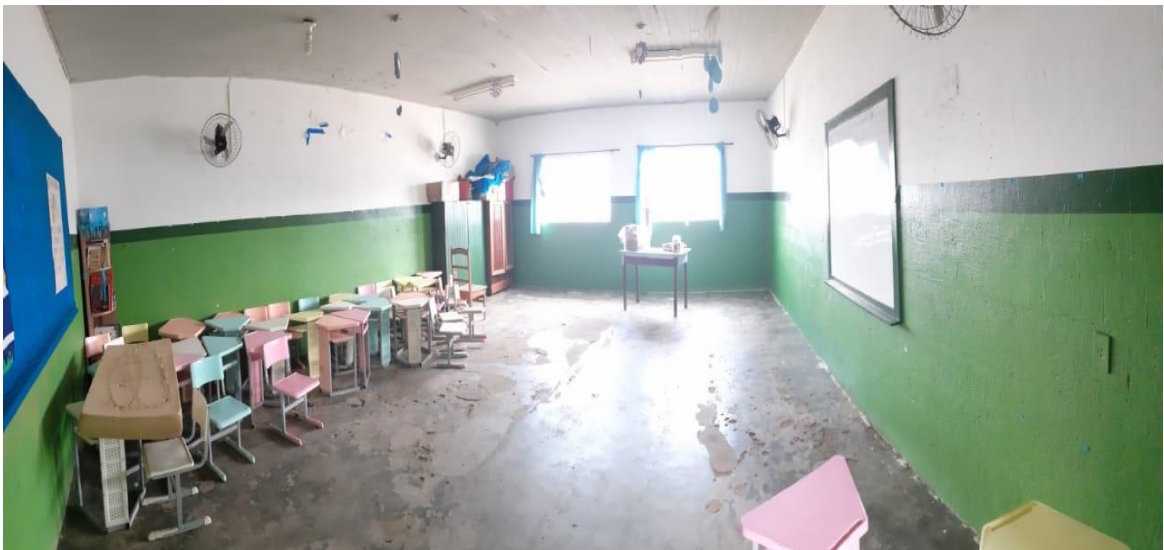
Barraca da leitura



Banheiros



Secretaria



Sala de aula do prédio antigo



Sala de aula do prédio novo



Visita à sala de leitura da EMEF César Almeida



Visita à sala de leitura da EMEF César Almeida



Alunos caracterizados de personagens da Turma da Mônica



Alunas caracterizadas de Emília



Caracterização de Visconde de Sabugosa



Apresentação dos gêneros textuais.



Dramatização do Conto do chapeuzinho vermelho



Dramatização do Sítio do Seu Lobato



Momento da Leitura



Alunos com a sacola da leitura.